

The background of the cover is a collage of various newspaper clippings, including headlines and photographs, rendered in a faded, grayscale style. Some visible text includes "30 PAUS NA", "EX-ATOR PORNIC", "ME TE PAU EM", "BOLSONARO", "E PARTE PA", "E AL VOCS", "ENTREGAM", "O BRASIL", "POVAIS", and "C".

MANCHETES

DO MEIA HORA E EXPRESSO:

um estudo discursivo sobre jornais populares

Rodrigo Campos



Pedro & João
editores

**MANCHETES DO
MEIA HORA E EXPRESSO:
UM ESTUDO DISCURSIVO SOBRE
JORNALIS POPULARES**

RODRIGO DA SILVA CAMPOS

**MANCHETES DO
MEIA HORA E EXPRESSO:
UM ESTUDO DISCURSIVO SOBRE
JORNALIS POPULARES**

Copyright © Rodrigo da Silva Campos

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

Rodrigo da Silva Campos

Manchetes do Meia Hora e Expresso: um estudo discursivo sobre jornais populares. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 111p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-0474-1 [Digital]

1. Manchetes. 2. Meia hora. 3. Expresso. 4. Estudo discursivo. 5. Jornais populares. I. Título.

CDD – 410

Capa: Petricor Design

Arte da capa: Jorge Paulino

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meu pais, Valcinéa e Osvaldo, que me ofereceram tudo o que podiam para que eu tivesse uma educação emancipatória e crítica e que me fizeram ver o mundo para além das amarras do racismo estrutural que impediram e impedem muitos meninos e meninas negros e negras como eu de avançar. O afeto me fez chegar até aqui. Muito obrigado!

Sou grato também à professora Vera Santanna, do Programa de Pós-Graduação em Letras (Linguística) da UERJ, minha ex-orientadora de mestrado e atual colega de trabalho. Uma pessoa íntegra que me ensinou que podemos fazer pesquisa com dedicação, leveza, parceria e afeto. Vera, obrigado por todo o aprendizado. Você é um exemplo para mim!

Por fim, agradeço a todas as pessoas que leram este texto, que opinaram, que sugeriram ajustes, mudanças de percurso e que, de alguma forma, contribuíram para a realização de minha pesquisa. Ela é minha, mas também é nossa.

PREFÁCIO

É com grande satisfação que apresentamos o livro "Manchetes do Meia Hora e Expresso: um estudo discursivo sobre jornais populares", de autoria do Dr. Rodrigo Campos, que é Professor Adjunto do Instituto de Letras (Departamento de Letras Neolatinas) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Nessa obra, o autor realiza uma análise crítica sobre a construção de imagens de enunciador presentes em manchetes dos jornais cariocas Meia Hora de Notícias e Expresso da Informação.

Com base na Análise do Discurso de base enunciativa, o pesquisador utilizou os pressupostos de Maingueneau, Bakhtin e Authier-Revuz para investigar a relação entre língua e discurso presente nas capas desses jornais. O estudioso agrupou as manchetes de acordo com as imagens que o enunciador cria de si em seus enunciados, resultando na criação de quatro categorias de enunciador: "religioso", "justiceiro", "debochado" e "Homem com H maiúsculo". Com base nessas imagens, o autor conclui que é instaurado um coenunciador à imagem e semelhança do enunciador-jornalista, sendo esse leitor religioso, intolerante com a bandidagem, galhofeiro e, sobretudo, machista.

O livro oferece uma reflexão sobre a relação entre linguagem e sociedade e, através de uma abordagem teórica e de uma escrita acessível, nos leva a refletir sobre os processos de construção discursiva presentes nos jornais populares e sobre como esses afetam a nossa percepção da realidade.

Convidamos pessoas das áreas de Comunicação, Letras e Análise do Discurso a se aventurarem pela obra "Manchetes do Meia Hora e Expresso: um estudo discursivo sobre jornais populares". Com uma abordagem envolvente, o livro apresenta uma análise instigante e provocativa sobre construções discursivas

presentes na mídia contemporânea. Se você deseja compreender mais sobre o universo da linguagem midiática, essa obra é altamente recomendada. Não perca a oportunidade de mergulhar nessa leitura fascinante.

Prof. Dr. Jorge Cardoso Paulino

Rio de Janeiro, 30 de abril de 2023.

SUMÁRIO

“Ô ABRE ALAS QUE EU QUERO PASSAR!”: INTRODUZINDO A PESQUISA	11
1. “ESPreme QUE SAI SANGUE”: CONTEXTUALIZANDO HISTORICAMENTE A IMPrensa DITA SENSACIONALISTA	17
1.1 A imprensa amarela no mundo	17
1.2 A imprensa marrom no Brasil	20
1.3 O surgimento dos jornais Meia Hora e Expresso	23
2. “PRA CIMA DELES!”: O APORTE TEÓRICO DA PESQUISA	27
2.1 Uma concepção discursiva de língua	27
2.2 A manchete como gênero de discurso	30
2.3 Heterogeneidade enunciativa	39
2.3.1 <i>Aforização : isso dá “pano pra manga”</i>	42
2.3.2 <i>Discurso direto e uso das aspas</i>	47
3. “EM VEZ DE AFOGAR O GANSO, PREFERIU ENFORCAR A GATA”: OS RECORTES METODOLÓGICOS	51
3.1 A definição do corpus e os recortes empreendidos	51
3.2 Definição dos critérios de análise	55
4. “EM BRIGA DE MARIDO E MULHER, VIZINHO METE A PEIXEIRA”: ANÁLISE DAS VOZES CIRCULANTES NAS MANCHETES	57
4.1 Enunciador religioso	57
4.2 Enunciador justiceiro	65

4.3 Enunciador debochado	76
4.4 Enunciador Homem com H maiúsculo	85
4.5 Conclusões parciais sobre o corpus analisado	94
5. “FOI BOM PRA ALGUÉM?”: TECENDO	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS	
5.1 Dos primeiros jornais ditos sensacionalistas ao Meia Hora e Expresso: uma história que se repete	99
5.2 Contribuições de nossa pesquisa	103
REFERÊNCIAS	107
SOBRE O AUTOR	111

“Ô ABRE ALAS QUE EU QUERO PASSAR!”: INTRODUZINDO A PESQUISA

Jornais “sensacionalistas”. Jornais “populares”. Jornais “simples”. Jornais voltados para “os mais pobres”. Jornais “de gosto duvidoso”. Jornais “engraçados”, etc. Marcadas entre aspas aparecem adjetivações que ouvimos de algumas pessoas em relação aos jornais Meia Hora e Expresso, que constituem o *corpus* da presente pesquisa.

Ao falarmos de nossa investigação, alguns exprimiam surpresa (“Sério? Você vai mesmo estudar esses jornais?”), outros expressavam uma espécie de indignação (“Como pode alguém estudar um material desses?”), e outros demonstravam apoio (“Seu objeto de estudo é muito rico.”, “Esse material renderia inúmeras possibilidades de pesquisa” etc.).

Se o senso comum aponta os jornais Meia Hora e Expresso, de uma maneira geral, como sendo “baixos”, “menores”, “inferiores”, “de má qualidade”, “que não servem ao fazer jornalístico”, exatamente por isso quisemos trabalhar com esse material de modo a ir além de uma mera classificação baseada em aspectos subjetivos.

Como determinar, em termos de pesquisa, o que é algo ruim ou bom? De boa ou má qualidade? Como, então, medir linguisticamente a qualidade de um jornal? Como afirmar, a partir de um ponto de vista linguístico, que um jornal se destina a determinado público com tanta propriedade?

O interesse pelos referidos jornais, que se autodenominam como de viés popular, e por sua linguagem surgiu após a leitura de alguns exemplares, logo no primeiro ano de seu lançamento (2005 e 2006). Essas perguntas não serão respondidas por nós na presente

pesquisa. São, no entanto, questionamentos que nos angustiaram ao longo do desenvolvimento desta investigação.

Antes de começarmos a pesquisa, buscamos ler, primeiramente, outros trabalhos que teriam o chamado jornal popular como foco de seus interesses, dentre elas a pesquisa de Dias (1996), que aborda o discurso da violência e as marcas da oralidade que circulavam no extinto jornal paulista Notícias Populares.

Nessa obra, a autora traça considerações acerca da diferença da modalidade escrita e oral, situa a linguagem jornalística dentro de um ponto intermediário entre a fala e a escrita e mostra, por meio de generalizações, que o jornalismo popular tende a aproximar sua linguagem a movimentos retóricos mais típicos da oralidade, diferentemente de um jornal não popular, no qual geralmente a linguagem apresentada seria mais “sóbria”, numa tentativa de marcar um distanciamento entre o enunciador e o coenunciador¹, além de atentar para uma “imparcialidade” e “objetividade” do/no fazer jornalístico. A autora também destaca que esse jornal em particular constrói a notícia de tal forma que ela se configura como uma narrativa, uma mistura de texto jornalístico e literário. A pesquisa de Dias (1996) nos auxiliou para que direcionássemos um olhar específico sobre os jornais Meia Hora e Expresso, pois marcas de oralidade estavam presentes nas manchetes desses jornais, exatamente como se apresentavam também no extinto Notícias Populares.

Além de Dias (1996), recorremos também a outros teóricos dos Estudos da Comunicação, tais como Amaral (2003, 2006), Angrimani (1995) e Bernardes (2004). Amaral (2003) salienta que o investigador que pretende pesquisar o jornalismo popular precisa, antes de tudo, despir-se dos “pré-conceitos”, do já-dito e questionar a pertinência do conceito de sensacionalismo para o estudo desse segmento de jornalismo. Esse termo estaria associado, segundo a

¹ O leitor será chamado neste livro de coenunciador, conforme será explicado no capítulo 2.

autora, a uma “concepção limitada de imprensa” (p. 133) e a uma “noção elitista da cultura” (p. 133), configurando-o como um termo de “baixa densidade explicativa”. É um conceito que precisaria, antes de tudo, libertar-se das “noções aprisionadoras e simplistas de *degradação e mau gosto*” (p. 133, 134).

Angrimani (1995, p.16), por sua vez, define sensacionalismo como o ato de tornar sensacional em uma publicação jornalística um fato que não mereceria tal tratamento. Segundo ele, trata-se de “sensacionalizar aquilo que não é necessariamente sensacional, utilizando-se para isso de um tom escandaloso, espalhafatoso”. Também pode ser definido como sensacionalismo a produção de conteúdo noticioso, de modo que “a notícia” seja inventada, como um relato ficcional. Essa prática de invenção de “notícias” era muito comum no jornalismo norte-americano, nas duas primeiras décadas do século XX (ANGRIMANI, 1995). O termo é pejorativo e o jornal que é etiquetado com esse rótulo costuma ser visto como um jornal sem credibilidade, pois estaria relacionado com a veiculação de falsas notícias. Angrimani (1995, p.16) atenta para esse tópico ao afirmar que “um noticiário sensacionalista tem credibilidade discutível”.

Amaral (2006, p.21) destaca as características do jornalismo sensacionalista:

Em geral, o sensacionalismo está ligado ao exagero; à intensificação, valorização da emoção; à exploração do extraordinário, à valorização de conteúdos descontextualizados; à troca do essencial pelo supérfluo ou pitoresco e inversão do conteúdo pela forma. São muitas as formas de popularização da mídia costumeiramente tratadas sob o rótulo sensacionalista. O sensacionalismo tem servido para caracterizar inúmeras estratégias da mídia em geral, como a superposição do interesse público; a exposição do sofrimento humano; a simplificação; a deformação; a banalização da violência, da sexualidade e do consumo; a ridicularização das pessoas humildes; o mau gosto; a ocultação de fatos públicos relevantes; a fragmentação e descontextualização do fato; o denunciamento; os prejulgamentos e a invasão de privacidade tanto de pessoas pobres, como de celebridades, entre tantas outras.

Bernardes (2004, p. 26) dialoga com Angrimani (1995), ao definir sensacionalista como o termo usado

com sentido pejorativo para caracterizar veículos que distorcem, manipulam e inventam fatos. Ou seja, um jornal sensacionalista não tem credibilidade, porque não é objetivo e não segue as regras do bom jornalismo, aproxima-se mais da ficção que do jornalismo, constituindo uma publicação desacreditada.

Bernardes (2004) fala de credibilidade jornalística como um meio de driblar o sensacionalismo. Em outras palavras, segundo a autora, um jornal sensacionalista seria considerado uma publicação sem credibilidade e isso implicaria considerar que os periódicos classificados como sensacionalistas sejam vistos como jornais que veiculam notícias que não são verdadeiras, que inventam, que distorcem a informação.

Amaral (2006, p. 134), no entanto, defende outro sentido que pode ser atribuído ao conceito citado anteriormente: “Rotular um jornal de sensacionalista é afirmar apenas que ele se dedica a provocar sensações”. Segundo Amaral (2006, p. 20), “todo jornal é sensacionalista”. Ao afirmar isso, a autora parte da premissa de que todos os jornais, sejam eles quais forem, são produzidos para serem vendidos. Para isso, cada um, de acordo com a sua marca editorial, traça estratégias para chamar a atenção dos seus leitores, quando estes passam por uma banca e “passam o olho” nas primeiras páginas dos jornais ali expostos. Todos os periódicos, portanto, querem “fisgar” o leitor e provocar-lhe sensações com o objetivo de que ele compre o jornal.

Embora entendamos a visão de Amaral (2006), o termo sensacionalista não nos é suficiente para compreender o modo de organização dos jornais Meia Hora e Expresso, por parecer-nos ainda um termo reducionista e que, por mais que se queira dar-lhe uma nova roupagem imprimindo-lhe um significado mais abrangente sem ser pejorativo, tal marca ainda é forte quando o empregamos.

Rechaçamos, portanto, o uso do termo sensacionalista em nossa pesquisa e concordamos com Amaral (2003) ao defender, por fim, que o conceito de sensacionalismo, do ponto de vista dos estudos da Comunicação, não seria um bom estatuto teórico para abordar a manchete dos jornais autodenominados populares, devido às visões explicitadas nos tópicos anteriores: a tal termo subjaz uma ideia de que esses periódicos representariam uma espécie de degradação cultural (conceito elitizante do termo “cultura”), dificultando assim as pesquisas em torno do objeto jornal popular (a partir de tal pressuposto preconceituoso), pois a pesquisa seria realizada a partir da condenação prévia do objeto o qual se pretenderia analisar.

Para se estudar o segmento popular da grande imprensa, faz-se necessário olhar para o objeto com olhos novos, desconsiderando o termo sensacionalismo, para assim driblar a sua condenação e (buscar) entender suas estratégias, sem julgá-las previamente (AMARAL, 2003).

Marquemos desde já, portanto, nosso posicionamento teórico: trabalhamos sim com jornais em nossa pesquisa, mas não falamos a partir do ponto de vista dos Estudos da Comunicação. Falamos de outro lugar: da posição de linguistas, de analistas do discurso, da posição de quem vê a linguagem como uma construtora de sentidos por meio das enunciações, num determinado tempo e lugar sociohistoricamente marcados. Não importa, portanto, se tais jornais foram, de acordo com os seus editores, criados para serem “consumidos” pelas classes C e D. Importa-nos verificar pelo viés da linguagem de que maneira esses jornais, ao construírem imagens de si pelo discurso, instauram também imagens de leitor. Esse é o objetivo desta pesquisa.

A imagem de leitor surge a partir de uma certa imagem que o enunciador-jornalista constroi de si pelo modo como enuncia. À medida que o enunciador-jornalista constroi uma imagem para si mesmo, já está construindo a do leitor (coenunciador).

Propomos, finalmente, uma investigação que pretende responder à seguinte pergunta: que imagens de enunciador se

constroem discursivamente nas manchetes dos jornais cariocas Meia Hora e Expresso?

Nosso objetivo é discutir os processos de construção discursiva de imagens de enunciador (e de coenunciador, por conseguinte), a partir da análise de manchetes dos referidos jornais. Para alcançar nosso propósito, traçamos um percurso específico: no capítulo 1, contextualizamos historicamente o surgimento dos primeiros jornais intitulados “sensacionalistas” no Brasil e no mundo e o surgimento dos jornais Meia Hora e Expresso. No capítulo 2, tratamos do aporte teórico que embasa nossa investigação, além de explicar teoricamente os conceitos linguístico-discursivos que serão pertinentes para a posterior análise do *corpus* em questão. No capítulo 3, constam os caminhos teórico-metodológicos empreendidos por nós para que chegássemos a um *corpus* final de análise. No capítulo 4, finalmente, analisamos manchetes dos jornais Meia Hora e Expresso e apontamos diferentes imagens que o enunciador-jornalista constroi de si e de seu par interlocutivo. No último capítulo, tecemos comentários finais sobre os resultados encontrados na presente investigação e apontamos, por fim, algumas contribuições deste trabalho para a Análise do Discurso e para os estudos da Comunicação.

1. “ESPREME QUE SAI SANGUE”: CONTEXTUALIZANDO HISTORICAMENTE A IMPrensa DITA SENSACIONALISTA

1.1 A imprensa amarela no mundo

O jornalismo ao qual se atribui a etiqueta “sensacionalista” teve sua origem na França, segundo Angrimani (1995), com o surgimento dos primeiros jornais franceses *Nouvelles Ordinaires* e *Gazette de France* entre os anos 1560 e 1631. Tais jornais, de acordo com esse autor, traziam notícias de fatos ordinários tratados de maneira fantástica, nos quais predominava o exagero, a inverossimilhança e a imprecisão.

Posteriormente, ainda na França, no século XIX, surgem jornais de uma página e que possuíam título, ilustração e texto. Eram conhecidos como *canards*, termo que em francês significa fato absurdo ou não verídico. Eram retratados nesses jornais temas relacionados à temática criminal e fenômenos da natureza, como: cadáveres queimados, cortados em pedaços, enterrados, crianças violadas, eclipses, cometas, terremotos, naufrágios, desastres de trem, inundações etc.

Vejamos alguns exemplos de manchetes de tais *canards*, segundo Angrimani (1995, p. 20):

“Um crime abominável!!! Um homem de 60 anos cortado em pedaços”

“Enfiado em uma lata e jogado como ração aos porcos”

“Um crime pavoroso: seis crianças assassinadas por sua mãe”

“Um crime sem precedentes!!! Uma mulher queimada viva por seus filhos”

Embora esse estilo de veicular os fatos tenha surgido na França, foi nos Estados Unidos que tal maneira de se fazer jornalismo ganhou força com o surgimento de dois periódicos: *New York World* (1860 - 1931) e *The New York Morning Journal* (1863 - 1951) (ANGRIMANI, 1995). O *New York World*, dirigido pelo jornalista Joseph Pulitzer, trouxe inovações ao jornalismo impresso ao apresentar pela primeira vez nos Estados Unidos um jornal em cores e com uma grande quantidade de ilustrações. Além disso, era vendido a preço baixo e promovia premiações e sorteios. Antes desse novo estilo de se fazer jornalismo na sociedade norte-americana, havia um jornalismo que estava circunscrito aos assuntos políticos e que era voltado para as classes mais abastadas.

Pulitzer² propunha um jornalismo que contasse minuciosamente fatos da vida real, dramas e crimes familiares. Os artigos opinativos foram substituídos por notícias que buscavam retratar o cotidiano da população. Pulitzer começou a dominar o mercado norte-americano. De acordo com Amaral (2006), em 1880, o *New York World* teria obtido um lucro líquido de US\$ 1,2 milhão, valores que até então nenhum outro jornal do mundo havia alcançado.

A hegemonia de Pulitzer, no entanto, estava com os dias contados. Em 1895, o jornalista milionário William Randolph Hearst³, que quando jovem havia trabalhado como repórter iniciante no jornal de Pulitzer, compra o jornal *The New York Morning Journal*, entrando assim no mercado jornalístico novaiorquino até então dominado por Pulitzer e seu jornal.

² Pulitzer inspirou a criação do Prêmio Pulitzer, importante prêmio de Jornalismo, Literatura e Música dos EUA. É administrado pela Universidade de Colúmbia em Nova Iorque. Foi criado em 1917 por desejo de Joseph Pulitzer que, na altura da sua morte, deixou dinheiro à Universidade de Colúmbia. Parte do dinheiro foi usada para começar o curso de jornalismo na universidade em 1912. Fonte: www.pulitzer.org/ (acessado em 25/03/2023).

³ Hearst inspirou o personagem principal do filme de Orson Welles, *Cidadão Kane*, de 1943 (EUA), segundo Amaral (2006).

Com a entrada de Hearst na disputa por um suposto mesmo público-alvo, começa a haver no cenário de Nova Iorque uma competição acirrada entre os dois jornais para conquistar o leitor e o “sensacionalismo” é amplamente utilizado como a arma dessa “guerra mercadológica”. Em outras palavras: ganharia o leitor o jornal que chamasse mais a sua atenção, portanto, quanto mais “sensacionalista” fosse o jornal, mais ele venderia (pelo menos, teoricamente).

O jornal de Pulitzer publicava aos domingos uma história em quadrinhos (HQ) denominada *Hogan's Alley*, em cores, desenhada pelo ilustrador norte-americano Outcault. O personagem principal dessa HQ era um menino careca, com orelhas grandes, sorridente e com dentes proeminentes que vestia uma grande túnica amarela, na qual eram escritas as suas falas. Como sua roupa era toda amarela, esse personagem ficou conhecido por *The Yellow Kid* (*O Menino Amarelo*).

Imagem 1



The Yellow Kid⁴

⁴Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/The_Yellow_Kid (acessado em 25/03/2023)

Hearst, ao assumir seu jornal, comprou o passe de inúmeros jornalistas do concorrente *New York World*, e entre os jornalistas que mudaram de empresa, um deles foi o desenhista Outcault, que passou a publicar as histórias do *Yellow Kid* no jornal de Hearst.

Pulitzer, no entanto, manteve o personagem de Outcault em seu jornal (ignorando questões judiciais no que tange aos direitos autorais), porém desenhado pelo ilustrador George Luks, de forma que ambos os jornais publicavam as histórias do *Yellow Kid*.

Eis a origem do termo “jornalismo amarelo”, que fazia referência originalmente aos jornais de Pulitzer e Hearst, passando assim o termo “amarelo” a sinônimo de sensacionalista, por extensão de sentido. O antes “jornalismo que publica uma HQ cujo personagem principal veste amarelo” fora reduzido à expressão “jornalismo amarelo” (*yellow journalism*) ou “imprensa amarela” (*yellow press*).

A chamada “imprensa amarela propriamente dita” durou dez anos (de 1890 a 1900, no contexto norte-americano), no entanto, apontou para um novo modo de se fazer jornalismo, que seria seguido posteriormente por outros jornais no mundo.

1.2 A imprensa marrom no Brasil

O precursor do jornalismo de segmento popular no Brasil foi o jornal *Folha da Noite*, que circulou em São Paulo entre 1921 e 1960. Esse periódico, assim como os que o sucederam, possuía como característica o foco em notícias que vislumbravam, principalmente, a violência e o sexo.

No Brasil, segundo Amaral (2006, p. 24), destacam-se por apresentarem ao longo de sua história uma íntima relação com os setores populares os jornais *Notícias Populares* (1963-2001), de São Paulo, o *Última Hora* (1951-1964) e *O Dia* (1951 até os dias atuais), ambos do Rio de Janeiro.

Tais jornais apresentavam a tríade sexo-crime-sindicato. O *Notícias Populares*, no entanto, se distanciava do tratamento dado à política tradicional e se apresentava como um jornal

anticomunista cuja missão seria “tirar as massas do caminho da política” (AMARAL, 2006, p. 25).

O Última Hora foi lançado em 1951 na cidade do Rio de Janeiro. Tal periódico organizava promoções, concursos e distribuição de brindes aos leitores. Também instalava urnas em diferentes pontos da cidade para receber denúncias, reclamações e sugestões dos leitores. Além disso, criou júris populares, nos quais o povo poderia “julgar” os crimes veiculados pelo diário. Em 1964, com o golpe militar, o Última Hora perdeu força e foi vendido à empresa Folha da Manhã (atual Grupo Folha).

O Notícias Populares, por sua vez, surge em 1963 na cidade de São Paulo. É um jornal que recorre às fórmulas do jornalismo amarelo praticado outrora nos Estados Unidos (*yellow press*) e, com isso, surge um jornal que se apresenta com manchetes chamativas, que prioriza os acontecimentos regionais, dos bairros e a cobertura de casos policiais.

Em 1971, após ser também adquirido pelo grupo Folha da Manhã, o jornal ganhou o tom pelo qual ficaria conhecido até os seus últimos dias de publicação: o deboche e a comicidade. A partir desse momento, crime e sexo seriam os assuntos norteadores de tal diário. Havia tantas notícias de mortes e assassinatos brutais, com cadáveres estampados nas capas do jornal, que tal veículo foi apelidado de “espreme que sai sangue”, termo que geralmente se atribui a esse tipo de jornal que dá grande destaque aos crimes.

Tal jornal se caracterizava por trazer aspectos da oralidade nas manchetes e nas notícias, tais como coloquialismos, sempre atrelados ao forte apelo sexual e/ ou à exploração da violência.

Amaral (2006, p. 26) destaca alguns exemplos de manchetes publicadas por esse periódico em diferentes datas:

Mulher mais bonita do Brasil é homem (31/05/1984)
Churrasco de vagina no rodízio do sexo (14/06/1990)
Aumento de merda na poupança (15/05/1990)
Sepultura esmaga boy na orgia do cemitério (30/05/1997)
Todo santo dia é dia de chacina (08/09/1999)

Eu transei com o Ronaldo na 5ª feira (23/06/2000)

No Brasil, para referir-se a esse tipo de jornalismo, empregou-se o termo “imprensa marrom” no lugar do termo “imprensa amarela” utilizado pelos jornalistas norte-americanos. As motivações para a criação de tal termo são imprecisas, de modo que os teóricos da Comunicação sinalizam dois possíveis motivos para o uso de tal termo. Um dos motivos seria o fato de o adjetivo marrom adquirir uma conotação pejorativa por ser uma apropriação do termo “*marron*” em francês, que significaria, segundo Angrimani (1995, p. 22), algo ilegal ou irregular.

Amaral (2006, p. 19), no entanto, afirma que tal termo procede de sua utilização em uma matéria que seria publicada em 1960, na qual um cineasta teria sido levado ao suicídio por causa da imprensa:

(...) o jornalista Alberto Dines afirmou em entrevistas que a expressão ficou generalizada a partir do uso no jornal Diário da Noite (RJ) em 1960. Dines, repórter do jornal na época, soube que alguém havia se matado por ter sido chantageado por uma revista de escândalos e fez uma manchete mencionando que a imprensa amarela havia levado um cineasta ao suicídio. Calazans Fernandes, chefe de reportagem, teria alterado a manchete: trocou a expressão “imprensa amarela” por “imprensa marrom”, relacionando o marrom à “cor de merda”. Desde então, a expressão “jornalismo marrom” é usada no Brasil para designar jornais e revistas de escândalos.

Na década de 1990, o jornal começaria a enfatizar também a questão dos serviços, da economia popular e do mundo das celebridades. Ao longo dessa década, o perfil do Notícias Populares vai mudando gradativamente e os cadáveres vão sendo aos poucos retirados da capa do jornal, sendo substituídos por reportagens de prestação de serviço. O jornal adquire, portanto, um perfil de “porta-voz do povo com editoriais contra a corrupção, cobertura de eleições com pregação do voto consciente e prestação de serviços (seção de direitos trabalhistas, saúde e sexo)” (AMARAL, 2006, p. 26). Em 1998, o Grupo Folha cria o jornal Agora São Paulo, que

começa a competir com o Notícias Populares, pertencente ao mesmo grupo. Finalmente, em 2001, o Grupo Folha deixa de rodar o Notícias Populares.

Com o lançamento de O Diário Gaúcho, em 2000, no Rio Grande do Sul, inaugurou-se no país um novo formato de jornal: o tabloide (35 cm x 26 cm). Por possuir menores dimensões, o tabloide gasta menos papel e, portanto, pode ser vendido por um preço mais barato. Também por serem mais compactos, trazem conteúdo resumido (AMARAL, 2006).

O lançamento desse formato no Sul do Brasil em 2000 terá ressonâncias na cidade do Rio de Janeiro, onde posteriormente, em 2005 e em 2006 surgirão os jornais Meia Hora e Expresso, respectivamente. A história do surgimento desses jornais será contada a seguir.

1.3 O surgimento dos jornais Meia Hora e Expresso⁵

Em 1951, surge no Rio de Janeiro o jornal O Dia, publicado pelo Grupo O Dia. Tal periódico possuía no início o mesmo estilo do paulista Notícias Populares, no qual havia a presença de desastres, escândalos, tragédias, crimes e misticismo. Em 1983, o jornal é adquirido pelo jornalista Ary de Carvalho e começa a desvincular-se da imagem “espreme que sai sangue”. A partir de 1989, o jornal vai ser reposicionado no mercado, apresentando-se como um periódico que se afasta do “sensacionalismo” e do binômio “sexo-crime” (AMARAL, 2006).

A partir de então, não são mais veiculadas as manchetes policiais e o jornal passa a competir no Grande Rio diretamente com o jornal O Globo, pertencente às Organizações Globo. As Organizações Globo (cuja empresa-editora é o Infoglobo) perceberam o crescimento do

⁵ Cabe o registro de que houve outros jornais intitulados como populares circulando na cidade do Rio de Janeiro, tais como: Luta Democrática (1954), A Notícia (1894) e O Povo (1996). Não vamos falar de todos eles, nem contar a história de todos, devido às limitações do presente trabalho, no qual se faz necessário fazer recortes.

concorrente frente a O Globo e lançaram um jornal popular para concorrer com o também popular O Dia, pois dessa maneira seria estabelecida uma concorrência entre dois jornais populares, já que O Globo faria parte do nicho dos jornais denominados “de referência” (AMARAL, 2006), isto é, não-popular.

Surge então, em 1998, editado pelo Infoglobo, o jornal Extra, comandado pelo jornalista Eucimar de Oliveira, advindo do concorrente O Dia. O Extra se apresenta, segundo Amaral (2006), como um jornal popular preocupado com a prestação de serviço ao leitor.

Com o surgimento do novo jornal, O Dia foi perdendo leitores para o Extra. O Grupo O Dia reagiria lançando um novo jornal, seguindo o formato tabloide, que fora adotado primeiramente no Rio Grande do Sul, no ano 2000, conforme salientamos anteriormente.

Em 19 de setembro de 2005, foi lançado na cidade do Rio de Janeiro pelo Grupo O Dia o jornal Meia-Hora de Notícias (conhecido como Meia-Hora), como uma forma de competir até então com o jornal Extra, pertencente às Organizações Globo.

Segundo Oliveira (2006)⁶, o Meia Hora, comandado por duas das três herdeiras de Ary Carvalho, antigo dono do O Dia, teria arrebanhado 11% dos leitores do *Extra*, principalmente na classe D.

Sobre o Meia Hora, Souza (2005)⁷ descreve que no jornal

Fotos de beldades com pouca roupa na primeira página e na última, claro, são obrigatórias. Sangue, nem tanto: um diferencial em relação aos concorrentes diretos *Extra* (com o qual tem vaga semelhança gráfica) e *O Povo*.

Ao apresentar-se como uma opção em relação ao Extra, acabou por alcançar um novo nicho de consumidores - classes C e D (OLIVEIRA, 2006) -, obtendo grande sucesso de venda e forçando as Organizações Globo a lançar um jornal com características

⁶ <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=374SAI002> Acessado em: 25/03/2023

⁷ <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=348IMQ001> Acessado em: 25/03/2023

semelhantes para que também pudesse disputar esse segmento do mercado. Nasceu assim, no dia 27 de março de 2006, o jornal Expresso da Informação, conhecido informalmente como Expresso.

Agostinho Vieira, diretor-executivo do Infoglobo, em entrevista a Oliveira (2006), do Observatório de Imprensa, à época do lançamento do jornal Expresso, ressaltou a importância e o cuidado que o Infoglobo tomaria para “blindar” o jornal Extra, pertencente ao mesmo grupo. Tal “blindagem” se ancora no conceito de “canibalização”, que pode ocorrer quando o mesmo grupo lança outro jornal que, teoricamente, não competiria pelo mesmo público-leitor, mas que, no caso do Extra e do Expresso, poderiam acabar competindo, devido ao fato de ambos os jornais serem considerados de viés popular. A hipotética canibalização seria o Expresso ganhar força e “roubar” leitores do próprio Extra, como o concorrente Meia Hora já havia feito até então.

Vieira, no entanto, não teme que tal fenômeno ocorra, pois de acordo com o jornalista, seria importante

situar o Extra num segmento diferente do Expresso: um é popular, o outro "popular compacto". Promoções diferenciadas, anunciantes específicos e campanha publicitária tímida para o novo lançamento reforçam essa estratégia.

Na época em que foi lançado, o Expresso teria sido apontado pela crítica jornalística, segundo Oliveira (2006), de que assim como o Meia Hora seria “cópia” do Extra, o Expresso seria “cópia” do Meia Hora, em um processo de ação e reação mercadológica.

Vieira nega:

O Expresso foi lançado baseado no fato de que o consumo das classes C e D passou de 97 bilhões de reais, em 2004, para 137 bilhões de reais, em 2005. As pessoas dessas classes compram de tudo, menos jornal.

Paradoxalmente, ao ser perguntado sobre o que o Infoglobo estaria fazendo para evitar o fato de que os populares compactos canibalizem os populares “maiores”, ele garante que os jornais

possuem natureza diferente e admite que o popular-compacto não seria um jornal “completo”, evidenciando talvez uma “incompletude” ou “simplificação”, em comparação a outros jornais do mesmo grupo:

O produto que lançamos é um produto egoísta. É para a pessoa ler sozinha no transporte. Ler no ônibus entre Santa Cruz e o centro do Rio (65 km de distância), em 40 ou 50 minutos. É um produto voltado para um outro público. Não é um jornal para família. Jornais para as famílias, mais completos, são O Globo e Extra.

Observe-se que se assume que o Expresso (e, conseqüentemente, o Meia Hora) seriam jornais “menos completos” e “mais simples” em relação a outros jornais. Vejamos se essa noção de simplificação se sustenta ao final da presente pesquisa.

2. “PRA CIMA DELES!”: O APORTE TEÓRICO DA PESQUISA

2.1 Uma concepção discursiva de língua

Poderíamos pensar a língua como instrumento de comunicação entre os sujeitos. Mas diante dessa perspectiva, entender-se-ia a língua como algo estático, estável, tal qual outros instrumentos como a foice, o martelo e o relógio, por exemplo. Esses possuem a sua função pré-determinada socialmente.

Supondo-se que o prego, por exemplo, preexiste ao martelo, e esse último é o instrumento que vai fazer com que o primeiro seja fixado em determinada superfície, o martelo é, portanto, o meio para que o objetivo se cumpra. Em analogia, se a língua é um instrumento cujo objetivo é a comunicação, então o objeto desse instrumento, que seriam os sentidos “veiculados” por esse instrumento, preexistiria à própria língua. E se os sentidos preexistem à língua e, conseqüentemente, ao ato de enunciação, estamos diante de sentidos fixos, estáveis (tais quais os pregos), prontos e engessados.

O sujeito já teria os sentidos antes mesmo de enunciar e a língua serviria somente para uma mera “transmissão” desses sentidos a outro sujeito, que será o sujeito que receberá esse sentido pronto “contido” na língua, como se ela fosse uma espécie de “bolsa” ou “receptáculo” cujos sentidos estariam lá dentro, latentes, esperando para serem “assimilados” ou “decodificados” pelo receptor.

Tal concepção é a que pretendemos negar ao adotarmos uma visão discursiva em relação à língua: o sentido não se concebe antes do momento de enunciação, dentro do pressuposto teórico que

adotamos nesta pesquisa. Entendemos que existem “sentidos” e que esses são construídos, isto é, não estão prontos antes do momento de enunciação. Ao contrário, ao se enunciar, os sentidos se constroem, segundo o contexto no qual aparecem.

Se comparamos uma abordagem discursiva em relação a uma abordagem sobre a língua enquanto instrumento, isto é, não discursiva, podemos confrontar duas realidades em relação ao sujeito que enuncia: nesta observa-se um sujeito que não interfere na língua, pois os sentidos já estão prontos e ele só os coleta e os transmite com a língua. Não importa, diante dessa perspectiva, quem é esse sujeito, de que posição social, histórica e cultural ele fala, tampouco importa em que contexto se está enunciando, como tampouco é relevante com quem se está falando. O “receptor” da mensagem transmitida pela língua assume um caráter passivo e acrítico, de modo que o processo comunicativo é visto de modo unilateral: há um emissor, há um receptor, uma mensagem a ser transmitida e um código capaz de transmiti-la. A língua é vista como transparente, de modo que serviria para representar a realidade do mundo extralinguístico.

Adotar uma visão discursiva em relação à língua significa, por outro lado, considerar o sujeito não mais como o “emissor” de sentidos, mas sim um construtor de sentidos pelo próprio ato de enunciar. Chamaremos, portanto, **enunciador** àquele que enuncia e àquele outro “eu” com quem dialogamos o chamaremos **coenunciador**, segundo Maingueneau (2004, p. 54).

Aplicando tais conceitos aos propósitos desta pesquisa, o termo enunciador refere-se ao sujeito da enunciação que se apresenta nas manchetes dos jornais Meia Hora e Expresso. O coenunciador é o leitor presumido, que está instituído na linguagem de seu enunciador.

Desse modo, consideramos a enunciação como um espaço de construção de sentidos. Não há a predominância do enunciador sobre o coenunciador, pois este último não se apresenta como elemento passivo das trocas comunicativas (tal qual o “receptor” ou “destinatário”, numa perspectiva teórica não discursiva). Ao

contrário, o coenunciador é também enunciador, no momento em que toma a palavra e se posiciona diante do que lhe fora dito anteriormente pelo enunciador. Eis o caráter essencialmente dialógico da linguagem (BAKHTIN, 2011, p. 271, 272):

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (...). A compreensão passiva do significado do discurso ouvido é apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva real e plena (...).

Ainda sobre a natureza dialógica da linguagem, trazemos a voz de Maingueneau, ao atentar para a interatividade inerente ao ato de enunciação:

Toda enunciação, mesmo produzida sem a presença de um destinatário, é, de fato, marcada por uma *interatividade* constitutiva (...), é uma troca, explícita ou implícita, com outros enunciadores, virtuais ou reais, e supõe sempre a presença de uma outra instância de enunciação à qual se dirige o enunciador e com relação à qual constrói seu próprio discurso (MAINGUENEAU, 2004, p. 54).

Consideramos que o leitor (coenunciador) ao qual os jornais se reportam, além de apresentar-se como um sujeito ativamente responsivo, opondo-se, portanto, a uma imagem de passividade (devido ao caráter constitutivamente interativo), aparece já marcado no próprio discurso dos referidos jornais. De acordo com o que postula Maingueneau (2004), o enunciador pressupõe o outro para construir o seu discurso e com isso, insere o outro (o coenunciador) no seu próprio discurso, fazendo com que ele seja parte dessa constituição.

Para a Análise do Discurso (doravante AD), o sujeito não possui pleno domínio de tudo o que fala, de maneira que poderá produzir sentidos sem querer produzi-los; ou ainda, dizer quando se silencia ou se omite. A AD resgata o conceito de inconsciente de Freud para explicar esse sujeito do discurso que não tem domínio total sobre os sentidos de sua enunciação. Tal modo de vislumbrar

a linguagem implica desmitificar o sujeito da razão, uno, homogêneo, centrado e consciente de todo o processo discursivo.

A AD contrapõe-se, portanto, a uma concepção idealista da linguagem, que vislumbra o sujeito como origem, fonte ou causa em si dos discursos e que enxerga o sentido como transparente, como se houvesse uma verdade ou realidade por trás da linguagem, de modo que esta serviria para revelá-la em sua “plenitude” e “essência”:

Para a Análise do Discurso, a linguagem não é o reflexo de algo que lhe é exterior. Toda produção de linguagem, portanto, não possui uma motivação outra, constituindo-se, de fato, como produto do encontro entre um eu e um outro, segundo formas de interação situadas historicamente. Não há, em Análise do Discurso, um espaço para formas de determinismo que possam constituir um limite entre um interior (a linguagem) e o seu exterior (o social ou o psicológico). Há sim uma articulação entre esses planos (ROCHA, DEUSDARÁ, 2005, p.317).

Apresentada, portanto, a visão de linguagem e o campo teórico que embasa a nossa pesquisa, passaremos a discutir o conceito de gênero de discurso.

2.2 A manchete como gênero de discurso

Trabalhamos com o conceito de gênero discursivo (ou de discurso) (BAKHTIN, 2011) para melhor entendermos a estruturação e as características da manchete. É uma proposta da nossa pesquisa caracterizar a manchete como um gênero de discurso e isso implica considerar que a manchete possui características próprias de constituição e que a sua existência subjaz certas condições sociais, culturais e históricas.

Quando se afirma que o gênero de discurso se define, por um lado, pelo seu modo de constituição, por possuir certo “padrão”, certo modo de se apresentar, estamos referindo-nos à definição de tal termo oferecida por Bakhtin (2011, p. 262) ao afirmar que os gêneros de discurso são “tipos relativamente estáveis de enunciados”.

O modo relativamente estável de apresentação dos inúmeros gêneros de discurso existentes em nossa sociedade configura-se como sendo um componente facilitador da comunicação entre os sujeitos do discurso e, conseqüentemente, da inteligibilidade dos enunciados, haja vista que se não nos pautássemos em modelos pré-estabelecidos (e inclusive a subversão desses modelos só é passível de ser vislumbrada enquanto tal pelo conhecimento mesmo desses modelos), a comunicação ver-se-ia dificultada, segundo aponta o autor:

Se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível (BAHK TIN, 2011, p. 283).

Os gêneros de discurso, segundo Maingueneau (2004, p. 61), “são dispositivos de comunicação que só podem aparecer quando certas condições socio-históricas estão presentes.” O que se pode afirmar a partir do dito por esses autores é que não são os gêneros moldes prontos nos quais nossos enunciados serão “depositados”. Os gêneros são, sobretudo, construção sociohistórica.

Os gêneros de discurso estão inscritos no meio social e, portanto, não podem ser encarados como moldes estanques (eis a relativa estabilidade salientada por Bakhtin [2011], que já apontava para a dinamicidade dos gêneros de discurso, que poderão mudar seu modo de organização segundo o contexto social e histórico no qual estejam inseridos). Maingueneau (2004, p. 65) também ressalta tal questão:

Os gêneros do discurso não podem ser considerados como formas que se encontram à disposição do locutor a fim de que este molde seu enunciado nessas formas. Trata-se, na realidade, de atividades sociais que, por isso mesmo, são submetidas a um critério de êxito (MAINGUENEAU, 2004, p. 65).

O fato de o leitor (re)conhecer uma manchete se dá pelo que Maingueneau (2004, p. 63) chama de “economia cognitiva”, que se

refere ao fato de que a competência genérica (o domínio de diferentes gêneros) seria um componente facilitador da comunicação verbal, conforme apontado anteriormente.

A manchete apresenta-se como um chamariz que, além de resumir a informação que será desenvolvida no corpo da notícia, convoca o coenunciador a interagir com o que lhe é apresentado. Possui um caráter convidativo, conforme diz-nos Dias (1996, p.106, 107):

A manchete contém a macroinformação, cuja função é despertar o interesse do leitor para certos pontos que, espera-se, sejam desenvolvidos no corpo da notícia. Há um encaminhamento da leitura, no sentido de que a ordem de relevância dada, muitas vezes, a um mero pormenor, sirva para atrair a atenção do leitor, conduzindo seu interesse, naquilo que o jornal julga ser o mais importante e levando-o a uma leitura predeterminada.

Maingueneau (1997, p. 34) defende que “cada ‘gênero’ presume um contrato específico”. Além disso, argumenta que os gêneros “encaixam-se (...) uns nos outros” (p. 35). Diante dessa posição, baseando-nos em suas indicações, consideramos na presente pesquisa a manchete como um gênero, de modo que ela tem a função de publicizar um fato noticioso.

Poderíamos considerar a manchete como um item constitutivo da notícia, porém, não seguimos esse caminho por algumas razões. A manchete possui uma relativa autonomia em relação à notícia no que tange à sua apresentação: conforme apontado, é uma enunciação construída em outro espaço discursivo (a primeira página), por outro enunciador-jornalista, de modo que há profissionais especializados em produzir as manchetes das notícias pré-escritas, além do fato de que não é toda notícia que possui uma manchete na primeira página de um jornal. López Hidalgo (2009, p. 58) afirma que, geralmente, o responsável pela criação da manchete de uma determinada notícia é o redator-chefe.

Portanto, a manchete pode ser assumida como gênero por suas características formais, que lhe são particulares, e também porque “a cada gênero associam-se momentos e lugares de enunciação

específicos e um ritual apropriado. O gênero, como toda instituição, constrói o tempo-espaço de sua legitimação. São os pressupostos que o tornam possível (MAINGUENEAU, 1997, p.36)".

Sobre a relação que a manchete mantém com a notícia, isso não invalidaria nossa posição de encarar a manchete como um gênero à parte do texto noticioso, pois de acordo com Maingueneau (1997, p. 35), "os gêneros encaixam-se, frequentemente, uns nos outros". A manchete está inserida, encaixada na primeira página e esse é o seu espaço de enunciação que a legitima como um gênero de discurso dissociado da notícia, embora tais gêneros se relacionem.

Pode não haver uma coincidência do leitor presumido da manchete e da notícia. Há leitores que lerão somente as manchetes e não necessariamente se interessarão pela notícia e comprarão o jornal. Por estar localizada na primeira página, a manchete está sujeita à exposição nas bancas de jornal, de modo que para lê-la, a compra do jornal não se faz necessária.

Haveria então o leitor de manchete, em uma primeira instância, e haveria também o leitor da manchete e da notícia, que seria o leitor que efetivamente efetuará a compra do jornal. A possibilidade de que haja leitores presumidos distintos (um leitor para a manchete e outro para a notícia) reforça nossa argumentação em torno da relativa autonomia da manchete em relação à notícia e, conseqüentemente, em sua configuração como um gênero de discurso. Além disso, cabe ressaltar que entre a manchete e a notícia há uma descontinuidade espacial, de modo que se apresentam em lugares diferentes do jornal, salientando-se ainda mais que são gêneros discursivos distintos.

Defender a manchete como um gênero de discurso implica caracterizá-la segundo alguns aspectos, de acordo com os pressupostos bakhtinianos: sua circulação temática, seu estilo e sua estrutura composicional. Falaremos da estrutura composicional da manchete posteriormente. Fixemo-nos, neste primeiro momento, na questão da circulação temática e do estilo.

Para tratar de circulação temática, estamos necessariamente lidando com o conceito de tema à luz de Bakhtin (1992). O

entendimento de tema para esse autor é diferente de um entendimento do senso comum, que entenderá “tema” como algo prévio à enunciação, com os sentidos fixos e estabilizados, esperando somente que sejam enunciados e “decodificados” por um coenunciador.

“Tema”, segundo uma concepção bakhtiniana, concebe o modo de apresentação de um determinado assunto em um enunciado específico, de modo que, como os enunciados e as enunciações estarão sempre atreladas e fundamentadas em um contexto sociohistórico, os enunciados nunca serão os mesmos e, conseqüentemente, diante desse entendimento, o “tema” tampouco poderá ser sempre o mesmo. O “tema”, portanto, será variável, atualizar-se-á na própria enunciação, de modo que esse conceito não é vislumbrado como se fosse algo prévio à enunciação, como se fosse um já lá, imanente.

Pode parecer abstrata essa definição de tema à luz de Bakhtin, devido ao fato de que frequentemente estamos em contato com uma definição de tema como algo já-lá que o enunciador “coleta” de algum outro lugar e traz para a sua enunciação. No entanto, o que nos aponta Bakhtin é exatamente o contrário: o tema é produto do enunciado concreto e se modificará sempre de acordo com os enunciados diversos que evocam determinada circulação temática.

Para efeito de tornar mais clara essa explanação sobre o conceito de tema, segundo os pressupostos de Bakhtin (1992), exemplificaremos a questão com algumas manchetes dos jornais Meia Hora e Expresso, de forma a demonstrar de que maneira determinado “assunto” (algo prévio) se atualiza em diferentes “temas” (construídos nos enunciados especificamente). Segundo essa visão, como já visto anteriormente, a circulação temática de um determinado “assunto” pode se dar de diferentes modos em diferentes contextos, não sendo essa, portanto, anterior à enunciação.

Se pensarmos em “futebol”, por exemplo, podemos propor uma reflexão sobre de que maneira se constroi a circulação temática desse assunto nos jornais que analisamos. O “futebol” pode ser

construído e atualizado nesses jornais pelas seguintes circulações temáticas: como uma ode à vitória de um time, como chacota a um time perdedor, como chacota a um jogador específico, pode estar atrelado à religiosidade, à sexualidade etc., conforme poderemos ver nos seguintes exemplos:

Quadro 1 - Expresso - 19/09/2011

Trem bala da colina
VASCÃO EM ALTA
Líder absoluto com a derrota do Corinthians, time é só alegria com Ricardo Gomes, que teve alta ontem.

Quadro 2 - Expresso - 28/02/2012

VICE DE TODOS
Nos últimos 3 anos, Vasco entregou taças a Fluzão, Mengão e Fogão. E a galera não perdoa!

Quadro 3 - Expresso – 24/02/2012

ATÉ VOVÓ FEZ GOL QUE DEIVID PERDEU
A vovó ficou maluca com o mico do atacante do Mengão e resolveu mostrar como se faz. ‘Aprendi com Zico, é fácil’, disse Dona Marly, tirando onda.

Quadro 4 - Expresso – 15/07/2011

O FRANGO
Pai de santo dá dicas para que Julio Cesar ‘mãos de manteiga’ se livre de encosto e volte a pegar todas

Quadro 5 - Meia Hora - 17/07/2011

BRASIL X PARAGUAI: QUEM VAI GANHAR A PELADA?
A pedido do ‘MEIA’, mulher melão e a modelo Larissa Riquelme fizeram uma aposta pro jogo de hoje: quem perder faz fotos picantes

Observe-se que a circulação temática de “futebol” é mutável e, por se construir na e pela enunciação, pode aparecer de diversas maneiras e, conseqüentemente, exprimindo sentidos diversos. Tudo é construção via discurso: pode-se falar de futebol de

diferentes modos, conforme pudemos vislumbrar por meio dos exemplos. Nos exemplos mostrados anteriormente, as manchetes apresentavam diferentes modos de circulação temática de “futebol” e com um estilo linguístico-discursivo muito próprio: observou-se o uso de coloquialismos, trocadilhos, uso de aumentativos para enaltecer os times de futebol, etc. O estilo, segundo uma acepção bakhtiniana, “está indissoluvelmente ligado ao enunciado e a formas típicas de enunciados que são os gêneros (BRAIT, 2010, p.88)”.

Brait (2010, p. 89), ao reler Bakhtin, afirma que o estilo deve considerar o tipo de relação que se estabelece entre os parceiros da comunicação verbal, ou seja, o enunciador-jornalista, o coenunciador-leitor e os outros enunciadores que esse enunciador citante convida a falar nas manchetes.

O estilo das manchetes do Meia Hora e do Expresso leva em consideração o eu e o tu das enunciações que se dão nesse “espaço”, de modo que o estilo das notícias é diferente do estilo das manchetes: os coloquialismos e a comicidade se localizam na manchete, que como já fora dito, é o “chamariz”, é o publicizador do fato noticioso. A notícia, por sua vez, já atraiu o coenunciador que comprou o jornal, e em tese, não precisa publicizar o fato e desse modo, apresenta uma linguagem (um estilo) diferente do da primeira página (um estilo mais sério, mais “sóbrio”). Se há a presença de dois estilos diferentes, pode ser que haja, conforme já havíamos apontado, parceiros da comunicação não coincidentes, de modo que os coenunciadores de um gênero podem não ser os mesmos do outro gênero.

Ao retomarmos Bakhtin para tratar da estrutura composicional da manchete, trazemos a voz de López Hidalgo (2009), um estudioso da manchete, que estabelece que tal gênero é composto de três subdivisões: antetítulo, título e subtítulo. Essa organização do gênero, no entanto, não é obrigatória, podendo haver variações.

O antetítulo antecede o título e se caracteriza por fazer um breve comentário sobre o título que será mostrado depois. Pode ser

também uma simples nota, mas não aparecerá em todos os jornais. Usualmente, o título apresenta-se com letras grandes, em negrito ou algo que dê destaque ao texto que se apresenta. Sintetiza o conteúdo da notícia, que será desdobrado dentro do jornal. O subtítulo, por sua vez, vem depois do título e oferece ao leitor uma descrição do conteúdo do título. Se o título foi feito, por exemplo, de modo ambíguo (propositadamente), é o subtítulo que irá desfazer tal ambiguidade e oferecer um resumo do assunto que será desenvolvido posteriormente na notícia (ou pelo menos espera-se que assim o seja). Não é ideal que seja extenso, pois o aprofundamento dos fatos dar-se-á na notícia e não no subtítulo.

O Meia Hora apresenta, geralmente, as três partes supracitadas que compõem o gênero manchete: antetítulo, título e subtítulo. O Expresso apresenta usualmente o título e o subtítulo. Vejamos um exemplo:

Imagem 2 – Primeira Página do Meia Hora



✓ Antetítulo:

Covardão de Itaboraí tá na jaula

✓ Título:

**MARIDO EXECUTA A MULHER GRÁVIDA E O
FILHINHO DE 11 MESES**

✓ Subtítulo:

**Após bate-boca em churrasco, monstro empurra a família
contra carro na Niterói-Manilha**

Meia-Hora (19/05/2009)

Vejamos um exemplo do jornal Expresso, no qual só consta o título e o subtítulo:

Imagem 3 – Primeira página do Expresso



✓ Título:

FASE SINISTRA DO VASCO TEM O DEDO DE EURICO

✓ Subtítulo:

Walter D'Oxaguiá garante: olho gordo e energia ruim do ex-presidente detonaram o time no Carioca. Torcida pichou São

Januário

Expresso (21/06/2011)

Vistas as características que conformam a manchete como um gênero de discurso, passaremos ao próximo tópico, no qual discutiremos o conceito de heterogeneidade enunciativa.

2.3 Heterogeneidade enunciativa

Conforme vimos anteriormente, dentro da presente perspectiva teórica, o discurso nunca é vislumbrado como homogêneo. Ao contrário, o discurso se constrói mediante a presença de outras vozes que farão parte de sua própria constituição. Em relação à caracterização do discurso como heterogêneo, Authier-Revuz (1990) apresenta uma distinção entre dois níveis de heterogeneidade: heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada.

Entende-se por heterogeneidade constitutiva a inerente condição do discurso de ser atravessado por muitos outros, sendo-lhe o interdiscurso anterior. Charaudeau e Maingueneau (2006, p. 261) apontam que

o discurso não é somente um espaço no qual viria introduzir-se, do exterior, o discurso outro; ele se constitui através de um debate com a alteridade, independentemente de qualquer traço visível de citação, alusão etc. (...) Em Bakhtin, a afirmação de um dialogismo generalizado: as palavras são sempre as palavras do outro.

De acordo com o que apontamos anteriormente, os enunciados serão sempre atravessados por outras vozes, de modo que nunca serão homogêneos. Ao contrário, é essa profusão de vozes que é trazida à tona ao se enunciar que marcará justamente o caráter heterogêneo dos enunciados. Não é necessário que se identifique uma marca de entrada da fala de outro enunciador para que se comprove a heterogeneidade constitutiva, pois ela é inerente à própria enunciação.

Faraco (2009, p. 58), ao ler Bakhtin, aponta que o enunciado se caracteriza pelas vozes sociais que “se entrecruzam continuamente de maneira multiforme, processo em que se vão também formando novas vozes sociais”. Todo dizer é, portanto, internamente dialogizado: “é uma articulação de múltiplas vozes sociais (no sentido em que hoje dizemos que todo discurso é heterogeneamente constituído), é o ponto de encontro e confronto dessas múltiplas vozes” (FARACO, 2009, p. 59, 60).

De acordo com Charaudeau e Maingueneau (2006), retomando o conceito apresentado por Authier-Revuz (1990), pode-se entender a heterogeneidade mostrada como a presença localizável de um discurso outro no fio do discurso. Distinguem-se, ainda, as formas não marcadas dessa heterogeneidade e suas formas marcadas, isto é, aquelas que se encontram explícitas nos enunciados.

Como exemplos de formas não marcadas, segundo Authier-Revuz (1990), podemos apontar o discurso indireto livre, as alusões, a ironia, etc. As formas marcadas, de acordo com essa mesma autora, são fenômenos linguísticos assinalados de maneira a indicar uma não coincidência do enunciador com o que ele diz: introduz-se a voz da alteridade.

Maingueneau (1997, p.75) atenta para o fato de que “os fenômenos dependentes da ‘heterogeneidade mostrada’ vão bem além da noção tradicional de citação”. Perceber a introdução da voz de outro enunciador em um enunciado é ir além de tentar encontrar uma marca de discurso direto ou de discurso indireto, embora tais fenômenos linguísticos também sejam vislumbrados como marcas

de heterogeneidade mostrada. Há, porém, outras marcas que podem ser passíveis de revelar a entrada de outra voz em um determinado enunciado.

Consideramos no presente trabalho, conforme pode ser visto no capítulo quatro, além do discurso direto e do uso das aspas como marcas de alteridade no discurso, as aforizações, que aqui serão entendidas como entradas de outras vozes em um determinado enunciado. Quando se enuncia e se faz uso de uma aforização, seja constitutiva, destacada ou inovadora⁸, traz-se a voz de um outro enunciador ou ainda, de outros enunciadores que foram convocados a falar na enunciação que se constrói.

Ao vislumbrarmos a aforização como um traço de heterogeneidade enunciativa, sendo um fenômeno linguístico usado pelo enunciador-jornalista de modo a permitir a entrada de outros enunciadores no fio do seu próprio enunciado, estamos encarando tal conceito (a enunciação aforizante) como uma forma de citação.

Defendemos, portanto, a aforização como mais um fenômeno linguístico relacionado à problemática do discurso citado apoiando-nos em Charaudeau e Maingueneau (2006, p.173), que apontam que

sendo o primado do interdiscurso um dos postulados de um grande número de analistas do discurso, para muitos a problemática do discurso citado abre constantemente para o conjunto dos fenômenos de polifonia e de heterogeneidade.

Tal conceito é importante para nossa pesquisa devido ao fato de que por meio de nossas observações do *corpus*, percebemos que o enunciador cria uma imagem de si ao enunciar apoiando-se nas vozes que cita, que convoca para o seu enunciado. A alteridade se faz presente nas manchetes analisadas, o que poderá ser visto de maneira mais detalhada no capítulo quatro.

⁸ O conceito de aforização e as suas classificações serão abordados no item 2.3.1.

2.3.1 Aforização⁹: isso dá “*pano pra manga*”

Maingueneau (2010) apresenta as aforizações como enunciados que circulam na sociedade com significado e significantes cristalizados e que se apresentam com a propriedade de serem passíveis de um “destacamento”. Observemos alguns exemplos: “Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura.”, “Mais vale um pássaro na mão, do que dois voando.”, “Uma andorinha só não faz verão.”, “Dizei-me com quem andas e eu te direi quem és.”, “Os últimos serão os primeiros”, etc.

Maingueneau (2010) observa que os enunciados aforizantes apresentam algumas características, as quais chamará de propriedades: tais enunciados podem ser destacáveis, genéricos, memorizáveis e reutilizáveis.

A genericidade seria o fato dos enunciados aforizantes tenderem a construir sentidos gerais, não direcionados a um coenunciador específico, criando-se, como consequência, uma ideia de enunciar “verdades absolutas”. Maingueneau (2010, p. 13) sinaliza que as aforizações seriam atribuídas a um Sujeito Universal (Hiperenunciador¹⁰).

Os provérbios seriam, portanto, aforizações cujo destacamento é constitutivo, de modo que se configurariam como o grau máximo de cristalização de um enunciado.

⁹ Motta (2009) discute em sua tese o conceito de aforização (enunciação aforizante) e sua manifestação nas letras de rap dos Racionais MC. É um estudo que oferece uma discussão teórica aprofundada sobre esse assunto e no qual também se discutem diferentes definições para provérbios e/ou enunciação proverbial. Na presente pesquisa, no entanto, não aprofundaremos a discussão devido às limitações do presente trabalho e, também, por não ser exatamente o nosso foco fazer um estudo minucioso dos provérbios e aforizações.

¹⁰ No capítulo “A aforização proverbial e o feminino”, do livro *Fórmulas discursivas* (2011), organizado por Ana Raquel Motta e Luciana Salgado, Maingueneau (p. 44) define o hiperenunciador como “uma instância que (...) garante a unidade e a validade de múltiplos enunciados de um Thesaurus, (que) confirma o pertencimento dos parceiros da enunciação à comunidade correspondente”.

Pode haver, no entanto, enunciados que não expressam um valor de verdade, que não são atribuídos a um Sujeito Universal: seriam os enunciados destacados de outro contexto enunciativo e reutilizados em contexto novo (no caso, das manchetes dos jornais). Conceber tais expressões também como aforizações dialoga com a proposta de Maingueneau (2010, p. 13) e com sua classificação:

Enunciação aforizante pode ser dividida em:

- destacada por natureza;
- destacada de um texto.

Haveria, ainda, outro grau de aforização: seriam os enunciados que se apresentam como “alterações” a partir de enunciados cristalizados já existentes. Propomos considerar aforização alterada os enunciados que mantêm alguma relação de intertextualidade e interdiscursividade com expressões destacáveis, mas que passaram por um processo de alteração. Cabe destacar que essa classificação “aforização alterada” é nossa e surgiu a partir da observação de nosso objeto de análise. Maingueneau (2010) não trata desse tipo de aforização em suas produções. Pautamo-nos nos critérios que aponta Maingueneau para defender nossa classificação:

- A inteligibilidade da aforização alterada depende do conhecimento prévio da expressão à qual faz alusão, de modo que tais enunciados estão de alguma forma relacionados.

- A aforização alterada possui a propriedade da destacabilidade.

- A aforização alterada pode ser memorizável.

- A aforização alterada se enquadra na propriedade de os enunciados aforizantes poderem ser reutilizáveis, pois a construção desses enunciados alterados já seria fruto de uma reutilização em um novo contexto comunicativo.

Não propomos, na verdade, classificações estanques. Ao contrário, propomos considerar o fenômeno da aforização dentro de um continuum no qual haveria graus de aforizações. Tal

continuum seria concebido da seguinte maneira: em uma extremidade estariam os provérbios, citações bíblicas e máximas filosóficas, que constituiriam as aforizações de destacamento constitutivo, que conforme vimos anteriormente, tendem a ser assertivas e a expressar uma ideia absoluta (efeito moralizante).

No meio, estariam as aforizações destacadas de um texto, construídas por enunciados citados de contextos diversos, mas que não possuem a rigidez dos provérbios no que tange a dirigir-se a um Sujeito Universal e a expressar uma ideia de verdade. Trata-se de uma citação e os sentidos que se podem construir com tal citação podem ser diversos, segundo o contexto.

Na outra extremidade estariam as aforizações alteradas, que podem se apresentar como criação do enunciador, pautada em um enunciado prévio: pode figurar como uma paráfrase, uma alusão, uma paródia, uma ironia, uma chacota, etc.

Vejamos alguns exemplos de aforizações (que serão marcadas pelo uso de colchetes neste capítulo e nos demais):

Quadro 6 – Meia Hora - 09/04/2011

Adeus às vítimas do massacre de Realengo comove todo o Rio [BEM-AVENTURADOS OS QUE CHORAM, PORQUE SERÃO CONSOLADOS] ¹¹

¹¹ Citação bíblica. Extraída do Evangelho de Mateus, capítulo 5, versículo 4. Seria uma aforização de destacamento constitutivo, por expressar uma ideia de verdade e, ainda que tenha sido retirada de um texto prévio (diferentemente dos provérbios), pode ser destacada e reutilizada em outros co(n)textos. Nesse caso, tal aforização é usada para noticiar o lamentável episódio do assassinato de crianças em uma escola de Realengo, na Zona Norte do Rio de Janeiro, e o sofrimento dos pais que perderam seus filhos.

Quadro 7 – Meia Hora - 09/02/2012

[E quando sai de mim, leva o meu coração]¹²
[MANHÃ SEM SOL, SEM IAIÁ NEM IOIÔ]¹³

Ícone do romântico na música brasileira, Wando morreu ontem, aos 66 anos, após 13 dias internado para tratar o problema no coração. Na internet, fãs criaram #calcinhapretaday e decretaram luto, com calcinha ‘a meio mastro’. A mulher maçã (ao lado) aderiu e posou para o Meia Hora em homenagem ao cantor.

Maingueneau (2008, p. 77) propõe que se percebam as aforizações como “inéditas” e “imemoriais”. “Inéditas” porque elas se atualizam na própria enunciação. Ainda que já sejam enunciados conhecidos de antemão, o sentido somente pode ser construído na e pela enunciação atual. Fora dela, é só uma construção “solta”, sem co(n)texto. “Imemoriais” porque ao serem lidas, são “reconhecíveis”, isto é, são passíveis de serem percebidas como enunciados já produzidos outrora por outrem; porém, às vezes, não se sabe por quem nem quando.

De acordo com Maingueneau (2008, p. 78), a aforização “ultrapassa a si mesma no exato momento em que se enuncia: primeira enunciação, ela retém, de alguma forma em si mesma sua repetição ulterior, ela se comemora ao se inaugurar”.

O autor, no entanto, atenta para o fato de que a descontextualização dos enunciados aforizantes, em decorrência do seu grau de destacabilidade, “é acompanhada por uma opacificação de seu sentido, que exige um trabalho interpretativo” por parte do coenunciador (MAINGUENEAU, 2010, p. 15).

Às vezes, pode se perder o “fio da meada” por não se ter conhecimento enciclopédico suficiente para poder compreender um enunciado determinado. Muito do contexto do qual tal

¹² Citação de música de Wando (Fogo e paixão): <http://letras.mus.br/wando/49324/> (Acessado em: 25/03/2023). Seria uma aforização destacada de um texto.

¹³ Citação da mesma música de Wando, porém com modificações na letra, devido ao falecimento do cantor. Desse modo, a citação literal da letra da música, que seria “Manhã de sol, meu Iaiá, meu ioiô” transforma-se em “Manhã sem sol, sem Iaiá nem ioiô”. Seria o caso de uma aforização alterada.

enunciado aforizante foi retirado precisa ser, às vezes, recuperado para que se possa construir sentido. É o que observaremos posteriormente em nossa análise.

Maingueneau (2010, p.15) nos fala uma vez mais do processo interpretativo exigido pelas enunciações aforizantes:

(...) é uma verdadeira ‘atitude hermenêutica’ que leva os leitores ou os ouvintes a mobilizar certo número de estratégias interpretativas: partindo do postulado de que a aforização resulta de uma operação de destacamento que é pertinente, o leitor deve construir interpretações que permitam justificar essa pertinência.

Ao mobilizarmos o fenômeno da entrada de outras vozes no fio de um determinado discurso por meio de um mecanismo de citação de aforizações, estamos necessariamente lidando com um conceito de Maingueneau (2008): *participação*.

Esse conceito nos será útil para compreender a análise de alguns enunciados, conforme veremos posteriormente no capítulo 4, pois as aforizações podem ser trazidas pelo enunciador citante como uma participação ou como somente uma citação. Nosso objetivo aqui não é aprofundar a discussão teórica em torno de tal conceito, mas trazê-lo ainda que brevemente para que se possa entender nas análises algumas recorrências de tal fenômeno em nosso *corpus*.

Maingueneau (2008, p. 94) define participação como uma “citação deve ser reconhecida como tal pelos alocutários, sem que o locutor que a cita indique sua fonte e nem mesmo deixe claro que ele efetua uma citação”. A citação, portanto, se dá sem a explicitação de sua fonte, sem que se demarque efetivamente um distanciamento entre o discurso do enunciador citante e o do enunciador citado. Espera-se que o coenunciador reconheça uma citação, mas o reconhecimento ou não da presença dessa outra voz vai depender da competência discursiva do coenunciador, de modo que poderá não reconhecer no enunciado em questão uma citação, justamente por não ser uma citação explicitada pelo

enunciador citante. Maingueneau (2008, p. 99) ilumina a questão com o seguinte exemplo:

Para uma fórmula filosófica, por exemplo, não ocorrerá participação quando, em um curso, um professor de filosofia comentar uma fórmula (...) como um enunciado considerado em tal texto ou em tal autor. Inversamente, ocorrerá participação quando numa conversa entre especialistas de filosofia se insere uma fórmula sem menção de autor.

O termo participação refere-se, portanto, ao modo de entrada da citação no fio de um enunciado específico. Tal conceito não é incompatível com o conceito de aforização, que já explanamos antes. Uma aforização pode ser “citada” (com referências ao contexto do qual foi retirada – quando é possível essa localização ou com a explicitação por parte do enunciador citante de que fará uma citação) ou pode ser “participada” (sem menção ao contexto do qual tal aforização foi destacada). Pode haver ainda participação de enunciados cristalizados e alterados.

O fenômeno de participação (palavra-valise que funde “participação” e “citação”, segundo Maingueneau, 2008) poderá ocorrer com aforizações de destacamento constitutivo, aforizações destacadas de um texto e com aforizações alteradas, conforme pode ser visto no capítulo 4.

Estudar o caráter aforizante dos enunciados interessa para a nossa pesquisa, pois por meio dessa marca na materialidade linguística conseguimos depreender as imagens que o enunciador-jornalista constroi de si e de seu par interlocutivo (o leitor) nas manchetes dos jornais Meia Hora e Expresso.

2.3.2 Discurso direto e uso das aspas

O discurso relatado configura-se como uma enunciação sobre outra enunciação, de modo que a enunciação citada se apresenta como objeto da enunciação citante. A noção de discurso direto será uma entrada importante em nosso *corpus* para explorar as vozes

que o enunciador-jornalista traz em algumas manchetes para que também enunciem. Maingueneau (2004, p.140) complementa:

o discurso direto não se contenta em eximir o enunciador de qualquer responsabilidade, mas ainda simula restituir as falas citadas e se caracteriza pelo fato de dissociar claramente as duas situações de enunciação: a do discurso citante e a do discurso citado.

Observe-se que o discurso direto pretende simular a “real” fala citada, mas essa citação nunca passará de uma simulação. O discurso direto é “apenas a encenação de uma fala atribuída a uma outra fonte de enunciação, e não a cópia de uma fala ‘real’” (MAINGUENEAU, 2004, p. 143).

O discurso direto, portanto, não pode ser “objetivo”, “imparcial”, pois a situação de enunciação é (re)construída pelo enunciador que a relata, de modo que será uma descrição necessariamente subjetiva que condicionará a interpretação do enunciado citado. O discurso direto é sempre “apenas um fragmento de texto submetido ao enunciador do discurso citante, que dispõe de múltiplos meios para lhe dar um enfoque pessoal” (MAINGUENEAU, 2004, p. 141).

A fronteira que marca o limite entre o enunciado citado e o enunciado citante será marcada pelo uso das aspas, que servirão de elementos tipográficos para sinalizar a entrada de outra voz no fio do discurso. Poderá também vir precedida de dois pontos e de um verbo *dicendi* (verbos que introduzem uma fala, tais como: dizer, argumentar, relatar, desabafar, etc.).

Cabe salientar que a citação não é livre, é regulada pelo contexto enunciativo, no caso o gênero discursivo manchete, que criará as coerções que permitirão a presença de outras vozes enunciando com o enunciador-jornalista. Estamos de acordo com Maingueneau (1997, p.86), que argumenta que um enunciador “não cita quem deseja, como deseja, em função de seus objetivos conscientes (...). São as imposições ligadas a este lugar discursivo que regulam a citação”. Vejamos alguns exemplos:

Quadro 8 – Expresso - 28/10/2011

Tuchinha fala em entrevista exclusiva
'SOU CULPADO PELO POLEGAR TER ENTRADO PRO CRIME'
Ex-chefão do tráfico da Mangueira, Tuchinha conta ao Expresso que o irmão, Polegar, se inspirou nele ao ir pro caminho do mal.

Quadro 9 – Expresso - 08/04/2010

'DIFÍCIL ACREDITAR QUE ELE NÃO EXISTE MAIS'
Pai de Marcos Vinícius, de 8 anos, acompanhou por 40 horas a luta do filho embaixo dos escombros no Morro dos Prazeres. O menino gritava por socorro. Não conseguiram resgatá-lo com vida.

Quadro 10 – Meia Hora - 21/12/2011

Lavar dinheiro é coisa do passado, a moda agora é 'sujar'
BICHEIRO CAGAVA DINHEIRO
Helinho da Grande Rio fez uma força para prender sua fortuna, mas logo cedo viu que a coisa ia feder: Agentes da Core limpam tudo em casarão na Barra da Tijuca

Quadro 11 – Meia Hora – 02/03/2012

Pais já tinham pedido transferência do filho
MENINO DE 12 ANOS SE MATA POR SOFRER BULLYING NO COLÉGIO
Garoto, que era chamado de 'bicha' e 'gordinho' na escola, se enforcou com cinto da mãe

As aspas, conforme podemos observar nos exemplos apresentados, são marcas da presença de uma alteridade no discurso, de modo que tal signo gráfico é utilizado para marcar o limite entre o enunciado citante e o enunciado, palavra e/ou expressão citada.

O aspeamento de palavras e/ou expressões por parte do enunciador salienta a sua função de atrair a atenção do coenunciador sobre o fato de haver empregado precisamente as palavras e/ou expressões aspeadas e não outras. Charaudeau e Maingueneau (2006, p.66) ressaltam que ao coenunciador cabe “o cuidado de compreender porque (as aspas) chama(m) sua atenção”. As aspas, portanto, exigem um esforço interpretativo por parte do coenunciador, para que possa compreender o porquê do

aspeamento em si. É um fenômeno linguístico-discursivo utilizado por um enunciador e que convoca o coenunciador a que perceba a pertinência e justificativa do uso das aspas em seu enunciado. O aspeamento não pode ser gratuito. Maingueneau (2006, p. 66) complementa: “as aspas podem, portanto, tomar significações muito variadas”.

O uso das aspas também evidencia a não coincidência do que é dito (enunciado) com o próprio enunciador. Instaura-se, portanto, com o uso das aspas um distanciamento entre a voz que enuncia (citante) e a voz que aparece aspeada (citada), evidenciando-se assim o caráter heterogêneo da linguagem. Não se trata somente de aspear para marcar a voz de outro que adentra um determinado enunciado, mas trata-se efetivamente de rechaçar o ponto de vista trazido pela citação regulada pelas aspas, de modo a preservar a posição discursiva do enunciador. Charaudeau e Maingueneau (2006, p. 66) ressaltam essa questão: “o enunciador indica ao leitor que seu discurso não coincide com ele mesmo, sem fornecer a razão disso. Para interpretar as aspas, o leitor deve levar em conta o contexto e, em particular, o gênero de discurso”. E acrescentam: “(...) as aspas são mais convenientes quando se trata de uma reserva da parte do enunciador, que indica com isso uma não coincidência de sua fala (CHARAUDEAU, MAINGUENEAU, 2006, p. 67)”.

Deve-se ressaltar, no entanto, que o enunciador não tem pleno domínio dos sentidos subjacentes ao uso das aspas, de modo que “(...) o texto libera possibilidades de interpretação que seu autor não pode prever quando coloca aspas (CHAURAUDEAU, MAINGUENEAU, 2006, p. 67)”.

Após havermos discutido neste capítulo a noção de língua que norteia o presente trabalho e os conceitos teóricos que alicerçam a análise das manchetes dos jornais Meia Hora e Expresso, passemos ao capítulo três, no qual se discutem os encaminhamentos metodológicos desta pesquisa.

3. “EM VEZ DE AFOGAR O GANSO, PREFERIU ENFORCAR A GATA”: OS RECORTES METODOLÓGICOS

Este capítulo tem por objetivo apresentar o percurso desta pesquisa, motivada inicialmente, conforme pontuamos nas considerações iniciais, por nossa leitura dos jornais Meia Hora e Expresso.

3.1 A definição do *corpus* e os recortes compreendidos

Objetivamos verificar que imagens de si o enunciador constroi ao enunciar e, em consequência, que imagens constroi de seu par da interlocução nas manchetes dos referidos jornais. Interessou-nos a manchete, e não qualquer outra parte do jornal, devido ao seu modo de apresentação. Percebemos que a manchete, por ser o “chamariz” dos jornais e por estar presente na primeira página, apresentava formas específicas de interpelação de seu leitor.

Descartou-se considerar a notícia como um desdobramento da manchete. Nossa pesquisa considera que, embora a manchete e a notícia sejam elementos do jornal que se relacionam entre si, que possuem alguma conexão, uma vez que a manchete remete a uma notícia posterior (se considerarmos o leitor), é importante destacar que a manchete apresenta traços de autonomia em relação à notícia devido à sua apresentação, em relação à linguagem utilizada, por circular em um espaço diferente do da notícia (a primeira página), por se apresentar como um enunciado que pode ser “produzido” posteriormente à elaboração de uma notícia por outro profissional jornalista (embora a leitura da manchete pelo leitor ocorra geralmente antes da leitura da notícia), entre outros fatores. Pode-

se ler uma manchete e não se ler a notícia, de modo que, embora dialoguem entre si, são vislumbrados na presente pesquisa como gêneros diferentes.

Após termos feito um recorte para determinar a parte do jornal que seria efetivamente nosso objeto de análise, iniciamos a coleta dos jornais arquivando somente a primeira página de cada jornal, diariamente. Para que pudéssemos construir um *corpus* de análise, começamos a arquivar exemplares dos dois jornais do dia 06/04/2010 até 31/07/2010. Posteriormente, foram arquivados os periódicos a partir de 05/04/2011 até 02/04/2012, totalizando-se assim 480 (quatrocentos e oitenta) exemplares de cada jornal. Num primeiro momento, arquivamos os jornais somente para que tivéssemos um material-base para a escritura do projeto de pesquisa, que passaria por avaliação durante o processo seletivo de ingresso no mestrado. Houve uma interrupção na coleta dos jornais e posteriormente a recomeçamos quando já havíamos ingressado no programa.

O recorte empreendido por nós no que tange às datas de coleta dos exemplares não está pautado numa temporalidade linear, devido ao fato de que não estamos perseguindo um evento específico. Decidimos parar de realizar a coleta das primeiras páginas dos referidos periódicos em uma data determinada por entendermos que já havíamos coletado um grande número de exemplares para que pudéssemos empreender nossa análise.

Após havermos terminado de coletar e arquivar todo o material, transcrevemos todas as manchetes de todos os exemplares que tínhamos em mão e criamos uma tabela inicial, na qual figuravam todas as manchetes que possuíamos. Nessa tabela havia as seguintes categorias: nome do jornal, data, antetítulo, título e subtítulo.

Tal tabela inicial facilitou o processo de observação do objeto e, posteriormente, a própria análise, pois dessa forma, não teríamos mais que recorrer aos jornais impressos todas as vezes que quiséssemos manipular o material. Estando as manchetes de todos os exemplares que tínhamos digitadas em uma tabela, poderíamos

ter acesso a todo o material em uma só tela do computador. Além de ser um facilitador metodológico, foi também uma maneira que encontramos de facilitar a locomoção de nosso *corpus*.

Numa tentativa de encontrar uma entrada para começarmos nossa análise, tentamos inicialmente, por meio de uma análise-piloto, fazer uma organização do *corpus* baseada numa análise temática, usando a concepção de tema à luz de Bakhtin (1992). As manchetes foram, portanto, inicialmente, separadas por modo de circulação temática de diferentes assuntos. Não conseguimos avançar devido ao fato de que esse recorte era demasiado “macro”, isto é, não se pautava em um aspecto específico da materialidade linguística e tampouco nos permitiria responder à pergunta de nossa pesquisa. Ao falar de circulação temática, ainda não conseguíamos vislumbrar as imagens que o enunciador construía de si ao enunciar para outro.

Observamos que as manchetes apresentavam de maneira bem numerosa citações diversas: havia frases-de-efeito, provérbios, citações bíblicas, bordões de personagens de TV, fragmentos de letras de música, slogans, etc. com modificações ou não no que concerne à sua forma de apresentação. Além disso, percebemos que era numerosa a presença do discurso direto e de aspeamento na apresentação das manchetes. Pensamos que talvez fosse essa a entrada na materialidade linguística que nos permitiria nos aproximar do material, para que pudéssemos por meio de nossa análise, responder à nossa pergunta de pesquisa.

Recordemos que nosso objetivo é observar de que maneira o enunciador constroi uma imagem de si ao enunciar e que, por consequência, ao fazê-lo, constroi também uma imagem de seu coenunciador. A manchete abre margem para que muitas vozes sejam convocadas a falar nesse “lugar” discursivo, que são as referidas citações que encontramos em nosso material. Ao observarmos as citações, remetemos-nos necessariamente ao conceito de heterogeneidade enunciativa (AUTHIER-REVUZ, 1990), que marca a entrada de outras “vozes” no fio de um discurso.

Além de percebermos as diferentes formas de citação que se apresentavam nas manchetes coletadas (por meio do uso do discurso direto e do uso das aspas), observamos também, conforme salientado, que havia o uso de muitos enunciados cristalizados, fossem retirados da fala de um personagem de TV, ou de uma letra de música, ou ainda que se tratasse de uma citação bíblica. Esses enunciados possuem a característica da destacabilidade e da citabilidade, conforme nos aponta Maingueneau (2010). Esse autor intitula esses enunciados “aforizações”. Há uma classificação das aforizações que esse autor apresenta e que nós retomamos no capítulo anterior, conforme pôde ser visto. Deve-se ressaltar que a aforização nesta pesquisa é encarada como mais uma forma de citação, ou seja, configura-se, portanto, como mais uma marca de heterogeneidade enunciativa. A decisão por essas categorias de análise se deu levando-se em conta três fatores que estão interrelacionados: os objetivos da pesquisa, a natureza do material selecionado e o quadro teórico de análise.

Observar as marcas de heterogeneidade enunciativa em nosso material permitiu-nos delimitar um novo recorte, pois tínhamos em mão uma grande quantidade de manchetes. Desse modo, a partir da tabela inicial, foram selecionados somente os enunciados que apresentassem as seguintes marcas de entrada da alteridade no fio do discurso: discurso direto, uso de aspas e aforizações. Após fazer esse mapeamento, foram descartadas todas as manchetes que não apresentavam as categorias linguístico-discursivas elencadas anteriormente, de modo que houve uma delimitação do material que seria passível de análise.

Posteriormente, relemos todo o material com o objetivo de buscar nas vozes que eram trazidas para os enunciados que compunham nosso *corpus* traços linguísticos e discursivos que nos apontassem para imagens que o enunciador constroi para si e para o outro.

Apoiando-nos nessa observação, partindo das heterogeneidades enunciativas, dentre as quais as aforizações

fazem parte, partimos para a análise dos enunciados para que pudéssemos responder à pergunta que norteia nossa pesquisa.

3.2 Definição dos critérios de análise

Após a constituição da tabela com as manchetes que traziam marcas de heterogeneidade enunciativa, empreendemos um caminho de escolha dos enunciados que efetivamente seriam analisados, haja vista que não poderíamos analisar todos os enunciados da tabela, devido às limitações de uma pesquisa de mestrado. Um novo recorte foi, portanto, necessário. Tal recorte foi empreendido de maneira a nos levar a responder nossa pergunta de pesquisa. Desse modo, a partir de nossa observação, organizamos os enunciados em quatro categorias baseadas em diferentes imagens que o enunciador tece sobre si ao enunciar. Conseguimos depreender dentro do material com o qual estávamos lidando as seguintes categorias baseadas em tipos de enunciador observados em nosso *corpus*:

- a) Enunciador religioso
- b) Enunciador justiceiro
- c) Enunciador debochado
- d) Enunciador Homem com H maiúsculo

Tal classificação se baseia, conforme apontado anteriormente, nas imagens que o enunciador-jornalista constroi de si ao enunciar, por meio das marcas da alteridade no fio de seu discurso, e em consequência, de seu par enunciativo.

As características de cada enunciador serão apresentadas no próximo capítulo. Cabe salientar que serão analisados alguns enunciados seguindo a classificação apresentada, embora haja outros tantos enunciados que também poderiam figurar em nossa análise, mas que não foram contemplados por um motivo de economia cognitiva: se usássemos todos os enunciados na análise, seríamos inevitavelmente repetitivos, ao verificarmos que muitos enunciados evocariam comentários semelhantes. Ainda assim, em determinados momentos da análise, foi necessário agrupar

enunciados diferentes, mas que dialogavam entre si, pelo modo como o enunciador se apresentava.

Os enunciados analisados são apresentados dentro de quadros, sem uma classificação sistemática das partes que compõem a manchete. O motivo para que usássemos o quadro é facilitar a leitura da manchete como um todo (sem divisões sistemáticas) e de modo a aproximar a forma de apresentação das manchetes no presente trabalho à forma de apresentação no jornal.

4. “EM BRIGA DE MARIDO E MULHER, VIZINHO METE A PEIXEIRA”: ANÁLISE DAS VOZES CIRCULANTES NAS MANCHETES

No presente capítulo, apresentamos diferentes imagens que o enunciador constroi para si e para o seu coenunciador como consequência, por meio de diferentes mecanismos de citação. Vemos que se constroem embates discursivos no encontro das vozes que citam e das vozes citadas, sejam por meio do discurso direto, do aspeamento ou das aforizações.

4.1 Enunciador religioso

Enunciado 38¹⁴

Adeus às vítimas do massacre de Realengo comove todo o Rio
[BEM-AVENTURADOS OS QUE CHORAM, PORQUE SERÃO
CONSOLIDADOS]¹⁵
(Meia Hora - 09/04/2011)

¹⁴ As numerações dos enunciados estão baseadas na tabela original elaborada na qual constavam todas as manchetes dos jornais Meia Hora e Expresso coletados ao longo da pesquisa. Entendemos que não havia a necessidade de constar neste livro a tabela como anexo. A mesma pode ser consultada na dissertação de mestrado na qual este livro se baseia.

¹⁵ As aforizações serão marcadas por colchetes, mesmo aquelas que possuam alguma marca tipográfica que as identifique como enunciados citados, como o uso das aspas, por exemplo. As ocorrências de discurso direto (que não sejam aforizações) não serão marcadas por colchetes, pois é uma marca de heterogeneidade enunciativa que geralmente aparece acompanhada pelas aspas, que marcam a entrada de outro enunciador no discurso do enunciador citante.

Enunciado 103

As religiões se unem para o ato em memória das vítimas do massacre
[‘SONHOS NÃO MORREM, APENAS ADORMECEM NA ALMA DA
GENTE’]
(Meia Hora - 14/04/2011)

Os enunciados 38 e 103 noticiam o episódio ocorrido na Escola Municipal Tasso da Silveira, em Realengo (bairro localizado na zona oeste do Rio de Janeiro), na qual um ex-aluno, no dia 7 de abril de 2011, assassinou 12 crianças e depois se matou.

Podemos observar duas aforizações de destacamento constitutivo: a primeira, presente no enunciado 38, revela-se um fragmento da Bíblia, especificamente do capítulo 5, versículo 4, do Evangelho de Mateus:

Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.

As aforizações de destacamento constitutivo que se apresentam nos referidos enunciados nos permitem delinear um perfil de enunciador e, conseqüentemente, de um coenunciador: trata-se de um par interlocutivo religioso, de quem tem uma crença, uma fé.

Há, no entanto, diferenças em relação à crença expressa nos enunciados: no enunciado 38, ao atualizar uma das bem-aventuranças ditas por Jesus Cristo, o enunciador atua como um enunciador-confortador, que se compadece da dor dos pais, parentes e amigos das vítimas envolvidas em tal massacre. Mas, principalmente, a palavra que consta no Livro Sagrado (para os que nele creem) serve de conforto, pois a Bíblia apresenta enunciados que circulam com uma ideia de verdade, de modo que seus enunciados instauram uma autoridade diante de seus seguidores.

É disso que nos fala Maingueneau (2010), ao referir-se à aforização de destacamento constitutivo: a genericidade, ou seja, o

não direcionamento do enunciado a um coenunciador específico tende a criar uma ideia de que as aforizações desse tipo enunciam “verdades absolutas”. Concordamos com Maingueneau (2010) em relação à aforização de destacamento constitutivo ser genérica. Discordamos do autor, no entanto, quando afirma que a aforização desse tipo não se direciona a um coenunciador específico.

Se pensarmos as citações bíblicas ou os provérbios “soltos no ar”, sem contexto e cotexto, talvez possamos concordar com esse autor. Se lemos, por exemplo, em uma placa: “O Senhor é meu pastor e nada me faltará”, podemos pensar em uma aforização genérica, que pode direcionar-se a qualquer pessoa; podemos pensar ainda em uma “verdade absoluta”, mas com um “porém”: ao enunciar esse enunciado “cristalizado”, acabamos por atualizá-lo e, em consequência (e paradoxalmente), pode haver um “descristalização” desse enunciado, de modo que dentro de diferentes contextos, os sentidos que emergirão poderão ser múltiplos.

Tal enunciado é genérico porque pode aplicar-se ao contexto de um sujeito ou ao contexto de outro sujeito, mas quando cada enunciador traz para sua enunciação uma aforização desse tipo, já a atualiza e essa cristalização se enfraquece. A cristalização a qual nos referimos seria somente em relação à forma (ao significante).

No caso de uma citação bíblica, no entanto, pensamos que nunca haverá o momento da total genericidade (ou da pretensão do enunciado a ser genérico), da aplicabilidade a qualquer pessoa por ser uma citação de um livro relacionado a uma vertente religiosa (o cristianismo), de modo que já recorta os potenciais coenunciadores de tal enunciado, e conseqüentemente, evoca uma imagem de enunciador que se apresenta como crente de tal religião. É o que vemos no enunciado 38: ao trazer um fragmento da Bíblia, o enunciador instaura para si e para o seu par interlocutivo uma imagem de religioso cristão, que lê a Bíblia e que a conhece, de modo a poder citá-la e/ou reconhecer uma citação extraída do Livro Sagrado sem marcas de citabilidade. Ao trazer para o seu enunciado uma voz de autoridade (o texto bíblico), o enunciador

demonstra crer na “palavra” citada. A alteridade é, portanto, necessária para validar a sua fé discursivamente.

Observe-se que, como dito anteriormente, o enunciador traz a voz da Bíblia sem marcar graficamente a entrada dessa outra voz no fio de seu discurso. Esse enunciador apoia-se, portanto, na competência discursiva de seu par interlocutivo para que o sentido seja construído. Trata-se de um caso de partitização.

O enunciado 103 traz-nos a fala de um médium espírita (Chico Xavier) e há aqui o uso das aspas marcando outra voz que se faz presente, uma voz igualmente de autoridade, que é convocada a falar, a tomar partido diante do acontecido.

Deve-se observar que o enunciador citante marca graficamente a presença de uma outra voz em seu enunciado e traz a assinatura do próprio Chico Xavier para, de certa maneira, autenticar a fala citada, validando-a. Nesse caso, portanto, como está presente a assinatura do enunciador citado, não se trata de um caso de partitização.

Maingueneau (2004) salienta que as aspas são marcas essencialmente polifônicas, de modo que fazem emergir explicitamente outras vozes num determinado enunciado. Uma vez mais, a competência discursiva é importante para que se saiba qual é a voz trazida para a enunciação atual e quais as implicações discursivas de uma citação: ao trazer a voz de Chico Xavier¹⁶, é instaurado um enunciador religioso espírita.

Além disso, o entendimento de morte para os espíritas (kardecistas) é diferente de um entendimento cristão católico e protestante: para os primeiros, existe a reencarnação, isto é, a possibilidade de se ter uma nova vida em outro momento para que o espírito possa evoluir. Para os cristãos, em geral, acredita-se na vida eterna e não há a possibilidade de se reencarnar. Essas

¹⁶ Essa frase não foi publicada em nenhum livro de Chico Xavier, mas é atribuída a ele, de modo que é sempre citada como dita por ele em algum momento de sua vida (há inúmeros sites e vídeos nos quais aparece o mesmo enunciado sendo atribuído ao médium mineiro).

características dialogam com o enunciado evocado, pois quando se diz que “os sonhos não morrem”, está se falando de um entendimento de morte à luz do espiritismo. A competência discursiva em relação ao enunciado citado mostra-se, portanto, produtiva para que se possa construir o sentido da aforização citada.

Enunciado 87

Bandido desistiu do roubo ao ver o Padre ferido e chamou socorro
PADRE LUTA COM LADRÃO E EVITA ASSALTO A IGREJA: ‘EU ABRACEI
O CAPETA’

Marginal fez a limpa na sacristia e esfaqueou o religioso. Depois, deixou tudo
pra trás e ligou pra ambulância: ‘Foi a mão divina’, disse a vítima.

(Expresso - 22/06/2011)

Enunciado 90

MENINO SOBREVIVE APÓS AMIGUINHO CRAVAR ALICATE NA SUA
CABEÇA ‘FOI UM MILAGRE’

Garoto andou quarteirões até chegar em casa pra pedir socorro, em Caxias.
Mãe acredita que foi salvo por Deus.

(Expresso - 06/10/2011)

Enunciado 104

Caso já virou livro nos EUA
MENINO VISITA O ALÉM DURANTE CIRURGIA: ‘FUI PRO CÉU E VOLTEI’

Garoto de 4 anos faz viagem espiritual e diz ter visto Jesus cristo, a irmã
abortada e o bisavô morto

(Meia Hora - 09/05/2011)

Enunciado 136

Irmãos se apresentam no Rio e trocam juras de amor
LUCIANO AGRADECE A DEUS POR ESTAR VIVO: ‘ESCAPEI DA
MORTE POR CINCO MINUTOS’

Depois do primeiro show ao lado de Zezé desde a briga que quase deu
fim à dupla, cantor diz ter segunda chance para consertar ‘burrada’

(Meia Hora - 06/11/2011)

Os enunciados 87, 90, 104 e 136 evocam um enunciador que acredita nos milagres realizados por Deus, nos quais são trazidas outras vozes para que também enunciem. No enunciado 104, mais especificamente, diz-se que um menino fez uma viagem espiritual

e que teria visto Jesus Cristo. Marca-se dessa maneira um par interlocutivo cristão sobretudo.

Esses enunciados possuem algo em comum: ambos introduzem a voz de outro enunciador no fio de seu discurso por meio do uso do discurso direto. São esses enunciadores que revelarão a sua fé. Deve-se recordar, no entanto, que o discurso direto não deve ser compreendido, conforme já nos apontara Maingueneau (2004), como uma fala autêntica, como uma transcrição exata do que fora dito efetivamente. Vimos que o discurso direto é uma citação construída pelo enunciador citante e, que, por esse motivo, ao evocar e citar enunciadores que acreditam que Deus operou milagres em suas vidas, revela-se ele mesmo, o próprio enunciador citante, um crente no Deus milagroso.

Deve-se observar que o discurso direto pode ser introduzido por um verbo dicendi ou não, conforme nos aponta Maingueneau (2004). Os enunciados 87 e 136 apresentam verbos *dicendi* (“dizer” e “agradecer”, respectivamente), enquanto que os enunciados 90 e 104 não os apresentam:

‘Foi a mão divina’, disse a vítima. (87)

LUCIANO AGRADECE A DEUS POR ESTAR VIVO: ‘ESCAPEI DA MORTE POR CINCO MINUTOS’ (136)

Observe-se também o uso de uma palavra aspeada no enunciado 136:

(...) cantor diz ter segunda chance para consertar ‘burrada’

Essa palavra aspeada marca a entrada de outra voz no enunciado, do mesmo modo que exige o enunciador citante da “responsabilidade” sobre o que é citado. Atribui-se, portanto, a palavra aspeada ao enunciador citado, salientando-se que essa teria sido uma palavra usada por ele. Desse modo, quem disse “burrada” não é o enunciador-jornalista (não é uma avaliação sua), mas o cantor Luciano, referindo-se à briga que teve com seu irmão.

Enunciado 96

O FRANGO

Pai de santo dá dicas para que Julio Cesar ‘mãos de manteiga’ se livre de encosto e volte a pegar todas
(Meia Hora - 15/07/2011)

Enunciado 105

Mas as joias que ela surrupiou ninguém sabe onde estão
POMBA-GIRA OBRIGA DOMÉSTICA LADRA A DEVOLVER O DINHEIRO
ROUBADO DO PATRÃO
Empregada presa disse que ‘ouviu’ o conselho da entidade Maria Padilha
(Meia Hora - 17/06/2011)

Enunciado 106

Não pode andar

OLHO-GORDO JOGA PADRE MARCELO ROSSI NUMA CADEIRA DE
RODAS

Com problema no joelho que vai deixá-lo um mês de repouso, religioso
desabafa: ‘Tenho que fazer orações contra inveja’
(Meia Hora - 01/07/2011)

O enunciado 96 faz circular o tema futebol pelo viés da religiosidade, pois ao retratar as falhas do goleiro Júlio César, que apresenta problemas para defender o gol, sendo apelidado de “frangueiro” e de “mãos de manteiga”, numa referência à expressão usada para qualificar goleiros que não conseguem “agarrar” as bolas chutadas pelos jogadores, traz como justificativa o fato de haver um encosto (espírito ruim desencarnado) atrapalhando o exercício da função do goleiro. O encosto justificaria, portanto, o mau desempenho do jogador.

O pai de santo é a autoridade trazida para esse enunciado, pois será esse enunciador que dirá como o jogador poderá ver-se livre desse espírito ruim que o estaria atrapalhando. Ao usar as aspas, salienta-se que não é o enunciador citante quem chama o jogador de “mãos de manteiga”. Ele retoma outras vezes, isto é, enunciações anteriores nas quais tal expressão fora usada. A expressão aspeada marca, portanto, a entrada de outro(s) enunciador(es) no discurso.

Ao trazer um pai de santo como voz de autoridade, o enunciador além de se revelar religioso, traz para o seu enunciado uma religião de matiz africana, que no senso comum é vista de modo preconceituoso, sendo chamada vulgarmente de “macumba”. Discursos sobre “macumba” são apagados dos meios de comunicação, não sendo essas religiões (umbanda e candomblé) assumidas como tais, de modo que sua legitimidade lhes é negada ou suas imagens são atribuídas ao “mal”, à “feitiçaria” etc. O enunciador-religioso que se desenha aqui é um religioso de matiz africana ou ainda afro-brasileira.

O enunciado 105 traz uma entidade da umbanda (Pomba Gira / Maria Padilha), que teria feito com que uma mulher confessasse um crime. O enunciador aqui se revela desconfiado em relação a essa mulher que diz ter confessado porque ouviu a voz da entidade, de modo que ele explicita sua desconfiança no antetítulo:

Mas as joias que ela surrupiou ninguém sabe onde estão (105)

A desconfiança do enunciador se expressa também pelo aspeamento do verbo ouvir:

Empregada presa disse que ‘ouviu’ o conselho da entidade Maria Padilha (105)

O aspeamento marca a desconfiança do enunciador em relação à empregada, de modo que se questiona se ela devolveu o que roubou porque ouviu a entidade de fato ou se devolveu porque se arrependera de haver cometido um crime e tentou se livrar das consequências inerentes a um ato inconsequente dessa natureza, mesmo que não tenha ouvido nada, nem “ninguém”.

O uso das aspas também pode marcar que o verbo ouvir no referido enunciado pode ganhar o matiz de “interpretar”, “intuir”, etc. Não era necessário ouvir (no sentido de escutar) propriamente a entidade: elas podem se manifestar para os médiuns e/ou nos médiuns, podendo incorporar nesses para passar mensagens a outrem. Há médiuns de incorporação, mas também há médiuns intuitivos e ainda há médiuns videntes, de modo que há muitos modos de uma entidade se manifestar para alguém (dentro dessa vertente religiosa). Desse modo, o verbo ouvir aspeado pode

marcar o sentido de que foi estabelecida uma comunicação entre um ser terreno e uma entidade espiritual, retirando-lhe assim seu sentido denotativo.

O enunciado 106 traz um padre católico afirmando em discurso direto que precisa fazer orações contra inveja. O verbo *dicendi* que introduz o enunciado citado é o verbo desabafar, que nos traz a ideia de que essa situação sempre o afetou silenciosamente, sem que compartilhasse essa informação (de que é alguém extremamente invejado) com ninguém. O padre decide, enfim, fazê-lo: desabafa com o leitor, revelando-lhe que a inveja pode afetar a todos, mesmo que se trate de um religioso.

Observe-se que o padre em sua fala admite ter que orar contra inveja, mas o termo “olho gordo” lhe é atribuído pelo enunciador citante, de modo que esse enunciador se revela um enunciador religioso e supersticioso. Quem acredita em olho-gordo é o enunciador (termo esse que está relacionado no imaginário popular a “feitiço”, “magia”, “energia negativa”, etc).

4.2 Enunciador justiceiro

Enunciado 2

[Chegou, ô, ô, ô, a UPP chegou, ô, ô]

A Mangueira entrou

[CUIDADO QUE O BOPE VEM AÍ, É BOM SE SEGURAR, A POEIRA VAI SUBIR]

Finalmente [o cenário da Mangueira voltará a ser uma beleza]. A favela vai ganhar uma UPP a partir de junho. A poliçada está cheia de amor pra dar, e a bandidagem já começou a vazar, apavorada.

(Meia Hora - 31/05/2011)

O enunciado 2 traz no título uma intertextualidade com a letra do samba “Tem capoeira”. Tal relação intertextual é vislumbrada nessa pesquisa como uma aforização alterada, que passou por um processo de particitação, segundo Maingueneau (2008).

Observemos o enunciado “original”¹⁷ e o mesmo posteriormente alterado:

“Cuidado que a Mangueira vem aí, é bom se segurar que a poeira vai subir”¹⁸
(enunciado “original”)

CUIDADO QUE O BOPE VEM AÍ, É BOM SE SEGURAR, A POEIRA VAI
SUBIR
(participação de aforização alterada)

Tal aforização alterada interpela diretamente o coenunciador advertindo-o a que tenha cuidado, devido à chegada do BOPE¹⁹ ao Morro da Mangueira. O enunciado em questão faz circular o tema da violência e da política de segurança pública apoiando-se em marcas de heterogeneidade enunciativa, de modo que várias vozes são trazidas e convocadas a falar por meio das aforizações alteradas e suas relações intertextuais.

No antetítulo é evocado um fragmento do samba-exaltação do G.R.E.S.²⁰ Estação Primeira de Mangueira. Observe-se, no entanto, que o enunciador traz essa voz para o seu enunciado alterando-a, de modo que essa não aparece tal qual como consta na canção. Nesse caso, ao destacar tal enunciado e fazê-lo circular em um contexto outro, com uma nova configuração, faz uso de uma aforização alterada:

Ô,ô,ô,ô, a Mangueira chegou ô, ô²¹
(enunciado “original”)

¹⁷ O termo “enunciado original” é vislumbrado na presente pesquisa como uma referência à fonte do destacamento das aforizações. Não estamos falando aqui de enunciados “inéditos”, nunca ditos antes etc. Tal visão seria, inclusive, incompatível com o aporte teórico que norteia nossa investigação.

¹⁸ Fonte: <http://www.vagalume.com.br/monobloco/tem-capoeira.html>. Acessado em: 25/03/2023

¹⁹ Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro. É responsável pela reconquista de territórios dominados pelo tráfico, numa preparação para uma posterior instalação de Unidade de Polícia Pacificadora.

²⁰ Grêmio Recreativo Escola de Samba

²¹ Fonte: <http://letras.mus.br/beth-carvalho/191084/> Acessado em: 25/03/2023

Chegou, ô, ô, ô, a UPP chegou, ô, ô
(participação de aforização alterada)

A aforização alterada em questão trata da ocupação policial no Morro da Mangueira, porém, no enunciado quem chega não é a Mangueira (escola de samba), e sim a UPP²², ou seja, o Estado. Observe-se que a aforização alterada atualiza um enunciado anterior em um novo contexto sociohistórico.

Como faz alusão a um samba-exaltação, cabe uma brevíssima explicação: o samba-exaltação diferencia-se do samba-enredo. Enquanto esse último é um samba composto sobre um determinado assunto e que a cada ano um novo samba é composto sobre um novo enredo, o samba-exaltação se caracteriza por ser o “samba oficial” de uma escola de samba e tem a função de exaltá-la e de ressaltar a sua história.

O enunciador, ao trazer essa aura do samba-exaltação para o seu discurso por meio da aforização para anunciar a instalação de uma UPP, convoca o coenunciador a comemorar, a celebrar, a exaltar essa política de segurança pública do Estado. O enunciador se anuncia, portanto, como um arauto, como aquele que traz a “boa nova” da pacificação que começará a vigorar em área onde antes o crime e a violência dominavam.

A partir dessa leitura, observamos que o antetítulo, ao exaltar a UPP, dirige-se a um coenunciador diferente do coenunciador interpelado no título. Vejamos:

Chegou, ô, ô, ô, a UPP chegou, ô, ô
(coenunciador 1)

CUIDADO QUE O BOPE VEM AÍ, É BOM SE SEGURAR, A POEIRA VAI SUBIR
(coenunciador 2)

No antetítulo, se comemora a chegada da UPP e no título se alerta o coenunciador. São dois coenunciadores diferentes. Um é o “cidadão de bem”, que não tem motivos para temer a chegada do

²² Unidade de Polícia Pacificadora. Instalação da Polícia Militar nas comunidades antes dominadas pelo narcotráfico.

poder público. Do outro lado, estão os “cidadãos que não são de bem”, isto é, os criminosos, que deveriam, esses sim, temer a chegada do BOPE, segundo afirma o enunciador.

No subtítulo, o enunciador evoca novamente a voz do samba-exaltação para ilustrar a mudança pela qual tal comunidade passará com a chegada da polícia pacificadora:

“Mangueira, teu cenário é uma beleza
Que a natureza criou! (...)”²³
(enunciado “original”)
(...) o cenário da Mangueira voltará a ser uma beleza. (3)
(participação de aforização alterada)

Os criminosos são vislumbrados pelo enunciador como uns fracos, que fogem “apavorados”, o que serve para enaltecer o BOPE, como a “polícia que realmente mete medo” e para reforçar a sua própria imagem de enunciador justiceiro.

Enunciado 20

[Tá dominado, tá tudo dominado!]
BANDIDAGEM É TRITURADA!
Vagabundos fogem com rabinho entre as pernas e forças de segurança libertam
Rocinha e Vidigal.
(Meia Hora - 14/11/2011)

Enunciado 167

[Hoje vai ficar tudo dominado!]
CHEGOU A VEZ DA ROCINHA!
Polícia vai invadir a comunidade para caçar os traficantes e instalar a paz e a
tranquilidade.
(Expresso - 12/11/2011)

Os enunciados 20 e 167 trazem um enunciador que anuncia a chegada da Polícia na comunidade supervalorizando-a, enaltecendo-a, apresentando a Polícia como a “salvadora da pátria”, diante dos “vilões”, que são os bandidos que esse

²³ Fonte: <http://letras.mus.br/beth-carvalho/191084/> Acessado em: 25/03/2023

enunciador nos apresenta como subvalorizados, como seres menores, inferiores, etc.

Para noticiar a chegada do poder público a essas comunidades (Rocinha e Vidigal), esses enunciados evocam a voz de uma letra de funk, fazendo uso de aforizações para marcar a entrada de outro enunciador em seu enunciado.

O enunciado 20 traz um fragmento do funk “Tá dominado”²⁴, tal qual como se apresenta na letra da canção. Tal procedimento de citação se caracteriza, conforme vimos anteriormente, como uma participação de aforização destacada de um texto²⁵.

Nesse enunciado, ao trazer a voz do funk para enunciar que “está tudo dominado”, instaura-se uma polícia que vai dominar um espaço onde outrora estivera ausente. Marcar a presença de uma polícia poderosa implica diminuir os bandidos e isso é expresso na materialidade linguística desse enunciado, ao se verificar que o enunciador usa o verbo “triturar” para marcar que a bandidagem foi derrotada (ou morta) pela polícia. Os bandidos são insultados e vislumbrados como “vagabundos” covardes, pois com medo da Super Polícia, fogem “com o rabinho entre as pernas”, reconhecendo assim a superioridade da Polícia diante deles mesmos. Observe-se que a polícia é referida nesse enunciado como uma instituição libertadora, pois chega a essas comunidades para “liberá-las” do domínio da bandidagem.

O enunciado 167 evoca o mesmo funk do enunciado 20, conforme salientado anteriormente. No entanto, traz um procedimento distinto para marcar a entrada de outra voz em sua enunciação: ao trazer esse funk, o enunciador modifica a sua letra, num processo de participação de uma aforização alterada. Observemos:

²⁴ <http://letras.mus.br/furacao-2000/206541/> Acessado em: 25/03/2023.

²⁵ O uso do funk visa também conquistar a comunidade discursiva que gosta desse estilo e desvinculá-lo do crime. O “tá dominado” já é uma aforização no próprio funk, não nasceu ali. Na manchete que estamos analisando, no entanto, consideramos o funk como o texto- fonte da aforização em questão.

Tá dominado! Tá tudo dominado!
(enunciado “original”)

Hoje vai ficar tudo dominado!
(participação de aforização alterada)

Observe-se que a imagem de uma Super Polícia é construída nesse enunciado de maneira messiânica, de modo que a polícia se apresenta como uma instituição que traz a paz: diz-se que a Polícia será responsável por “instalar a paz e a tranquilidade” na comunidade.

Contraditoriamente, a mesma polícia desenhada como um ser de paz, isto é, pacificadora, é a mesma que mata, que “tritura” a bandidagem que, segundo o próprio enunciado 167, é aquela que “caça” os bandidos. Ao usar o verbo “caçar”, o enunciador inferioriza os bandidos ainda mais, comparando-os a animais. A atividade da caça implica perseguir um animal, matá-lo e capturá-lo. Para efeito de reflexão, pensemos na seguinte questão: O dever da Polícia é matar os bandidos ou prendê-los? Cabe o registro de que esse questionamento somente se instala para quem lê a “caça” como algo eticamente inadequado.

A imagem de enunciador que se apresenta aqui é de um enunciador que é a favor da “caça” a bandidos, mesmo que seja de maneira irresponsável. Para esse enunciador justiceiro, não há nada de errado em matar bandidos, pois para ele “bandido bom é bandido morto”. Ao se apresentar assim, tece o seu par interlocutivo da mesma forma, de modo que, instaura um coenunciador que concorda com essa posição de “justiça a qualquer preço”.

Enunciado 29

[Então como é que é? É big, é big...]

BOPE FAZ ANIVERSÁRIO E APAGA QUATRO

Caveiras não puderam comemorar a data, porque tiveram que trabalhar pesado: partiram para o confronto com traficantes da Mandela, em

Manguinhos

(Meia Hora - 20/01/2012)

No enunciado 29, o enunciador comemora o aniversário do BOPE e “canta” um refrão que se diz após a canção “Parabéns pra você” no antetítulo da manchete:

Então como é que é? É big, é big...

Ao trazer para o seu enunciado essa citação, faz uso de uma aforização destacada de um texto. O enunciador também apresenta um jogo de palavras no título. Ao usar o verbo “apagar”, relacionando-o com a imagem de velas e com o fato de que a corporação está fazendo aniversário, pode se ter a interpretação de que esse verbo faz alusão ao apagar das velas de um bolo de aniversário.

O verbo “apagar”, no entanto, na gíria coloquial carioca, pode significar “matar”, “assassinar”, de modo que se instaura uma ambiguidade em torno do verbo em questão. Tal polissemia se confirma no subtítulo, no qual o enunciador afirma que o BOPE (“caveiras”) “não puderam comemorar a data porque tiveram que trabalhar pesado” enfrentando traficantes de uma favela. Trabalhar pesado é então “partir para o confronto”, de modo que essa Polícia não quer prender bandidos, mas sim matá-los, exterminá-los, de modo a acabar com a violência por meio da violência. E o enunciador justiceiro, super admirador dessa Super Polícia, ao mesmo tempo em que lamenta o fato de o BOPE não ter podido comemorar o seu aniversário, comemora anunciando que essa corporação no dia do seu aniversário “apagou quatro”. Quatro velas ou quatro pessoas?

Observe-se que o enunciador aceita como se fosse “normal” e “natural” essa atitude da Polícia. É um enunciador justiceiro, fã da Polícia, que a enaltece, enobrecendo as suas atitudes.

“Bandido bom é bandido morto! Cadeia é pouco!”²⁶

²⁶ Nas análises dos enunciados, serão evocadas por nós vozes do “senso comum” (de um enunciador coletivizado), isto é, assertivas que podem ser depreendidas a

Enunciado 63

[Isso sim é fantástico!]

PRA CIMA DELES, POLIÇADA! POLICIAL QUE PRENDER TRÊS
VAGABUNDOS PEDE MÚSICA NO MEIA HORA

Para dar uma força no combate à criminalidade, o Meia estreia seção mostrando o bom trabalho dos agentes da lei que se destacaram nas ruas do Rio. Hoje, quem pede música é a equipe da 12º BPM (Niterói).
(Meia Hora - 16/04/2011)

O enunciado 63 traz um enunciador que cita uma voz veiculada no programa de televisão Fantástico, da Rede Globo: “Isso sim é fantástico!”. O enunciado citado será considerado uma aforização destacada de um texto. Ao trazer uma voz enunciada em um programa de televisão, o enunciador anuncia a aliança estabelecida entre o jornal e a polícia: o policial que prender três bandidos terá direito a pedir música no jornal. Esse procedimento é adotado no referido programa de televisão: o jogador de futebol que faz três gols em uma partida de futebol tem direito a pedir uma música.

Apresenta-se, portanto, um enunciador telespectador, que está atento ao que ocorre nos programas aos quais assiste e que constrói relações de intertextualidade em seu enunciado. Do mesmo modo, instaura um par da enunciação também telespectador e, além disso, traz para a mídia impressa um procedimento de uma mídia audiovisual. Ao se pedir uma música na televisão, os telespectadores podem ouvi-la. Ao se pedir uma música num jornal, não se pode ouvir essa música no momento da enunciação.

O enunciador se apresenta como um parceiro da Super Polícia no que tange ao combate ao crime, de forma que pedir música no jornal após prender três criminosos significaria “dar uma força no combate à criminalidade”. O enunciador, além de parceiro da polícia, se apresenta como um torcedor:

PRA CIMA DELES, POLIÇADA!

partir da análise dos enunciados. Não significa, no entanto, que estamos de acordo com tais assertivas.

Cabe ressaltar que os bandidos uma vez mais são retratados de forma insultiva, sendo chamados de “vagabundos” pelo enunciador.

Enunciado 169

[Perdeu sem choro nem vela]
TRAFICANTE É PRESO NO ENTERRO DA VOVÓ
Polícia dá dura no cemitério do Caju e enterra no xadrez o gerentão da
Mineira.
(Expresso - 28/02/2012)

O enunciado 169 apresenta um traficante que é preso durante o enterro de sua avó. O enunciador introduz uma outra voz no antetítulo fazendo alusão à música “Fita Amarela”, de Noel Rosa, na qual se diz:

“Quando eu morrer, não quero choro nem vela...”²⁷

Faz-se uso no enunciado 169, no entanto, de uma aforização alterada, por destacar um fragmento de um enunciado prévio e modificá-lo:

Perdeu sem choro nem vela.

O verbo “perder” é usado coloquialmente na cidade do Rio de Janeiro para expressar o ato de ser preso, de modo que é muito conhecida a expressão usada por policiais ao anunciarem uma voz de prisão a um bandido²⁸:

Perdeu, playboy! = Você está preso!

Dialogando com a música de Noel Rosa, o enunciador citado faz uso do verbo “perder” para se referir à prisão do traficante e evoca a canção devido ao contexto da prisão: a canção fala de

²⁷ <http://letras.mus.br/noel-rosa-musicas/78664/> Acessado em: 25/03/2023.

²⁸ Cabe o registro de que os assaltantes também usam, geralmente, a expressão “Perdeu, perdeu!” para anunciar assaltos.

morte, que foi o contexto no qual o traficante estava envolvido no momento de sua prisão. Não houve “choro nem vela” quando o traficante foi preso, de modo que não houve lamentações em relação à sua prisão. O enunciador se mostra, de maneira geral, impiedoso com os bandidos, apoiando sempre a polícia para que faça o seu trabalho e que os prenda, sejam quais forem as circunstâncias em que estejam envolvidos.

Enunciado 132

[Aqui se faz, aqui se paga]
Estuprador bate as botas na hora H
QUIS DAR UMA DE LOBO MAU E MORREU ENQUANTO JANTAVA
VOVOZINHA DE 77 ANOS
Com a vítima imobilizada, tarado parou para descansar e sofreu ataque do
coração
(Meia Hora - 16/06/2011)

O enunciado 132 evoca um provérbio, entendido aqui como uma aforização de destacamento constitutivo, conforme classificação já apontada por Maingueneau (2010).

Os provérbios se caracterizam, conforme visto anteriormente, por serem enunciados “enunciados” por “alguém” desde “sempre”. Tratam-se, em outras palavras, de significantes que se preservam, que são atemporais e que revelam uma ideia generalizante, podendo ser (re)utilizáveis em diferentes contextos. Cabe ressaltar que os sentidos serão construídos no contexto, ou seja, na própria enunciação do provérbio, ainda que o significante seja sempre o mesmo, numa ilusória ideia de “cristalização”.

Ao citar um provérbio, o enunciador instaura um efeito moralizante ao noticiar que um estuprador morre do coração ao tentar violentar uma idosa de 77 anos e ao se mostrar satisfeito com essa morte e impiedoso com o malfeitor:

“Aqui se faz, aqui se paga!” = “Bem feito!”

Observa-se também uma chacota pela relação de intertextualidade estabelecida entre os envolvidos no fato e os

personagens da história infantil Chapeuzinho Vermelho, na qual a Vovozinha é comida (engolida) pelo Lobo Mau e nesse enunciado, houve uma tentativa de que o suposto Lobo Mau (o estuprador) “comesse” (jantasse) a Vovozinha (aqui os verbos comer/jantar ganham uma conotação sexual, que seria a concretização em si do ato). É um enunciador que se apresenta, de acordo com o que vimos anteriormente, impiedoso com os malfeitores e criminosos em geral.

Enunciado 66

[Ladrão que rouba ladrão...]

CHEFÃO DO TRÁFICO DE SÃO CARLOS LEVA FERRO NA ROCINHA
Sucessor de Roupinhol da ADA foge da UPP e se maloca na favela da Zona
Sul. Acabou sequestrado. Até Nem entrou no ratatá para levantar os R\$ 2
milhões do resgate
(Meia Hora - 29/04/2011)

O enunciado 66 traz no antetítulo um provérbio incompleto (que será vislumbrado como uma aforização de destacamento constitutivo), de modo que o coenunciador, pelo conhecimento enciclopédico que tenha dos provérbios em língua portuguesa, possa completar mentalmente o sentido do que fora enunciado. O provérbio completo seria: “Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão”.

Sobre o caráter polifônico da enunciação proverbial, Maingueneau (2010, p. 169, 170) salienta que

A enunciação proverbial é fundamentalmente polifônica; o enunciador apresenta sua enunciação como uma retomada de inúmeras enunciações anteriores, as de todos os locutores que já proferiram aquele provérbio. Não se trata, porém, de uma citação no sentido habitual do termo, como ocorre, por exemplo, no discurso direto. Proferir um provérbio (...) significa fazer com que seja ouvida, por intermédio de sua própria voz, uma outra voz, a da “sabedoria popular”, à qual se atribui a responsabilidade pelo enunciado. O enunciador não explicita a fonte desse enunciado: cabe ao coenunciador identificar o provérbio como tal, apoiando-se, ao mesmo tempo, nas propriedades linguísticas do enunciado e em sua própria memória.

O provérbio é utilizado numa relação de interdiscursividade com o fato do “chefão” do morro de São Carlos haver sido sequestrado por outros bandidos e de que outros traficantes da cidade tenham se unido para arrecadar o dinheiro do resgate do bandido-mor para que esse fosse liberado. Nesse contexto, atualiza-se o provérbio supracitado, de modo que os bandidos cometeram um crime “entre eles”, e por isso, mereceriam “cem anos de perdão”. Observe-se que o leitor é interpelado a conhecer o provérbio e a completá-lo para que a leitura se atualize e se perceba a alusão que realiza o enunciador. O enunciador, por sua vez, ao enunciar por meio de um provérbio que atualiza a situação do crime “entre bandidos”, revela-se irônico, de modo que, segundo esse mesmo enunciador, os bandidos não mereceriam perdão em ocasião alguma. Ainda que cometam crimes “entre si”, devem ser punidos, pois conforme vimos, esse enunciador se mostra impiedoso em relação à bandidagem. Esse provérbio dialoga, inclusive, com uma expressão fixa: os bandidos seriam “farinha do mesmo saco”.

4.3 Enunciador debochado

Enunciado 5

[Primeiro a gente foge, depois a gente vê...]
CHEFÕES DO CV FOGEM DO RIO E ESTÃO MALOCADOS NO
ESTRANGEIRO
Com medo das UPPs, ‘valentões’ do pó podem ter arrumado as trouxinhas de
roupa e se entocado no Paraguai e na Bolívia
(Meia Hora - 28/06/2011)

O enunciado 5 apresenta fragmentos da música “Fugidinha”²⁹, do grupo Exaltasamba. Essa música parece possuir uma letra inocente, até que se perceba no refrão uma espécie de “trocadilho fônico”. Vejamos o que nos diz o refrão:

²⁹ <http://letras.mus.br/exaltasamba-musicas/1669439/> Acessado em: 25/03/2023.

“O jeito é dar uma fugidinha com você
O jeito é dar uma fugida com você
Se você quer saber o que vai acontecer,
Primeiro a gente foge, depois a gente vê (...)”

O tal trocadilho advém da pronúncia da letra g nas palavras “fugidinha”, “fugida”, “foge”, que para um ouvido “desatento”, podem soar como um fonema d palatalizado, transformando as referidas palavras em “fudidinha”, “fudida”, “fode”, respectivamente e, desse modo, criando-se um novo sentido para o refrão da canção.

O enunciado 5 retoma um fragmento do refrão da música para retratar a fuga dos “chefões” de uma facção criminoso do Rio de Janeiro que, segundo a manchete, estariam temerosos à instalação da UPP. Observe-se que aqui a canção é trazida, mas se conserva o sentido “original” do verbo fugir, isto é, refere-se aqui a uma fuga efetivamente: “Primeiro a gente foge, depois a gente vê...” é um fragmento que se aplica, ou melhor, atualiza-se à situação que está sendo noticiada.

O enunciador aqui, ao particitar esse enunciado recortado da música (uma aforização destacada de um texto), reforça seu apoio à política de pacificação e ridiculariza os bandidos, cuja única opção seria fugir. Cabe ressaltar que o trocadilho de teor sexual com o par mínimo “foge / fode” não é utilizado no título, como a exemplo da canção citada no antetítulo. Observemos:

Primeiro a gente foge, depois a gente vê (o trocadilho fônico se aplica)
CHEFÕES DO CV FOGEM DO RIO E ESTÃO MALOCADOS NO
ESTRANGEIRO
(o trocadilho fônico não se aplica)

Eis a propriedade de aplicabilidade a novos contextos dos enunciados aforizantes de que nos fala Maingueneau (2010): o mesmo enunciado, recortado e aplicado a um novo contexto, ganha novos matizes de sentido.

Destacamos ainda o uso das aspas no adjetivo “valentões”, revelando a ironia expressa pelo enunciador. Segundo

Maingueneau (2004, p. 175), a “enunciação irônica apresenta a particularidade de desqualificar a si mesma, de se subverter no instante mesmo em que é proferida”.

Trata-se justamente de uma palavra cujo sentido que se possa apreender é exatamente o contrário: de valentes esses chefes do tráfico não teriam nada, pois precisam fugir para outros países diante de uma notícia de ocupação da polícia pacificadora.

Enunciado 12

Tá com peninha?

[CHORA, NÃO VOU LIGAR!]

Com fama de cruel na Tijuca, ‘Dia Feliz’ ficou triste ao ser preso e abriu o berreiro. Ele é suspeito de tráfico e execuções
(Meia Hora - 10/09/2011)

O enunciado 12 traz a imagem de um bandido “com fama de cruel” chorando pelo fato de haver sido preso. Para construir sua enunciação, o enunciador faz uso de uma particitação da música “Vou Festejar”³⁰, na qual se diz:

“Chora! Não vou ligar!
Chegou a hora!
Vai me pagar!
Pode chorar!
Pode chorar! (...)”

Ao se trazer um fragmento dessa canção, faz-se uso de uma aforização destacada de um texto, que marcará a entrada do enunciador citado no enunciado do citante. Tal música é usada para debochar, para zombar do bandido que outrora fora mau e que agora chora ao se ver encurralado pela polícia. As imagens que o enunciador projeta sobre si a partir do que e do modo como enuncia se sobrepõem, de modo que se constroi nesse enunciado uma imagem de um enunciador debochado, mas também de um enunciador justiceiro (analisado na categoria anterior). Esse

³⁰ <http://letras.mus.br/jorge-aragao/144648/> Acessado em: 25/03/2023.

enunciador apresenta as duas características: debocha do bandido e o diminui diante da Polícia e da sociedade. Mostra-se impiedoso em relação ao choro do bandido, de modo que a citação corrobora sua opinião. Pode se afirmar, portanto, que o enunciador traz outra voz para o seu enunciado para que essa outra voz concorde com ele. É um enunciador que cita (ou particita) para ter adesão.

Constroi-se nesse enunciado também uma relação antitética envolvendo a aforização destacada de um texto (Chora, não vou ligar!) e o apelido do bandido (Dia Feliz), de modo que o nome do bandido sugere o riso e não o choro. O enunciador, por sua vez, “não liga” para o choro e o sofrimento do bandido.

Cabe observar no antetítulo da manchete a interlocução direta que o enunciador estabelece com o coenunciador, ao perguntar a ele:

Tá com peninha?

O enunciador convida o coenunciador a participar, o interpela diretamente ao perguntá-lo se ele sente piedade do bandido que chora. A opinião de quem enuncia é dada no título, pois afirma por meio da voz de outrem, usando uma aforização destacada de um texto, que o bandido pode chorar, mas que ele não vai se importar. Mas deseja saber a opinião do leitor: ele sente pena?

Observe-se que o enunciador não faz uso da palavra “pena”, mas a usa flexionada em grau, no diminutivo: “peninha”. O diminutivo contribui para a construção de um enunciado irônico, de modo que se pode interpretar sua pergunta da seguinte maneira:

“Tá com peninha desse bandido porque ele está chorando?
Quer ficar no lugar dele?”

Enunciado 13

Vai colher digital pra entrar na cadeia [POLEGARES, POLEGARES, ONDE ESTÃO?] [ACHOU!!!!!!!] Chefão da Mangueira foi preso tirando onda com carros de luxo no Paraguai (Meia Hora - 20/10/2011)
--

Enunciado 14

[‘Eles se saúdam, eles se saúdam, e se vão...’]

POLEGAR VAI CURTIR O ‘FINDE’ EM BANGU 1

Chefão do CV ficará pouco tempo em solo carioca. Na semana que vem, ele embarca para Rondônia
(Meia Hora - 22/10/2011)

Os enunciados 13 e 14 trazem um enunciador que faz chacota com um ex-chefe do tráfico de drogas. O nome desse bandido é Polegar e no enunciado 13, ao anunciar que o bandido fora preso, o enunciador evoca outra voz por meio de uma aforização destacada de um texto. Destaca um fragmento de uma música infantil (intitulada “Os dedinhos”) e a atualiza ao contexto atual de sua enunciação. Realiza um deboche por meio de uma “musiquinha”, e traz uma voz infantilizada que simula a fala de pais com crianças bebês. Observemos um fragmento da música:

“Polegares, polegares, onde estão?

Aqui estão!

Eles se saúdam!

Eles se saúdam!

E se vão!

E se vão! (...)”³¹

Ao trazer a fala infantilizada “Achou!!!”, o enunciador está debochando da prisão do bandido que, apesar de haver fugido, foi encontrado no Paraguai, salientando-se dessa maneira uma vez mais a construção de uma imagem de uma Super Polícia e de uma imagem de bandido ridicularizado, diminuído etc.

No enunciado 14, o enunciador retoma no antetítulo a aforização destacada de um texto utilizada no enunciado 13, com marcação de aspas, o que não fora feito no enunciado 14, no qual a voz citada é introduzida no discurso sem aspeamento.

Além da referida retomada de uma aforização por parte do enunciador, deve-se destacar no título o uso de uma palavra

³¹ <http://letras.mus.br/eliana/91150/> Acessado em: 25/03/2023.

aspeada: “FINDE”, que seria uma abreviação de “fim de semana”. Tal aspeamento marca a presença de uma outra voz, a voz dos jovens que utilizam essa expressão no registro coloquial carioca. O enunciador marca com o uso das aspas que essa expressão é atribuída ao enunciador citado e não a si. As aspas explicitam a marca da alteridade no fio de um discurso.

O verbo “curtir” empregado pelo enunciado faz referência à rede social *Facebook*, na qual há uma ferramenta que permite “curtir” (mostrar que gostou, aprovou) alguma publicação. Há aqui um processo de citação verbovisual, no qual a materialidade linguística (o verbo “curtir”) e a imagem de um polegar (eis o nome do bandido!) atualiza a relação intertextual que se estabelece nesse enunciado.

Enunciado 17

[Carácoles]

[AI, COMO EU TÔ BANDIDO]

NEM DA ROCINHA [TÁ NO CUTUQUE] E QUER AJUDA DE POLICIAIS
DA BANDA PODRE PARA FUGIR DA FAVELA

Poliçada do bem já cercou a Rocinha e avisou: só vai sair de lá quando libertar a comunidade. Comparsas de Nem foram presos tentando escapar com a ajuda de ex-PMs e policiais civis
(Meia Hora - 10/11/2011)

Enunciado 28

[Ai, como eu tô bandida!]

POPOZUDA DA ROCINHA TÁ VALENDO MIL PRATAS

Ex-segurança do chefão Coelho, Aline gostava de tirar onda na favela cheia de armas pesadonas

(Meia Hora - 11/01/2012)

Enunciado 45

[Também são maléficas!]

[AI, COMO ELAS SÃO BANDIDAS]

Presas quadrilha só de traficantes gostosonas

(Meia Hora - 19/08/2011)

Nos enunciados 17, 28 e 45, o enunciador continua com a sua galhofa trazendo para o seu discurso bordões das personagens de

humor criados pelos comediantes Rodrigo Sant'Anna e Thalita Carauta, no programa Zorra Total, da Rede Globo: Valéria Vásquez e Janete.

Os bordões usados pelas personagens Valéria Vásquez e Janete são convocados pelo enunciador citante para reforçar o seu deboche ou ainda, para que esse enunciador citado deboche também do que está sendo noticiado.

Os fragmentos da fala dessa personagem são vislumbrados como aforizações destacadas de um texto e, conforme vimos anteriormente, são enunciados com um certo grau de cristalização, que possuem a propriedade de destacabilidade e aplicabilidade em contexto outro, conforme nos aponta Maingueneau (2010). Vejamos as aforizações destacadas de um texto presentes nos enunciados:

Carácoles (dita por Janete) (17)

Tá no cutuque (dita por Valéria Vásquez) (17)

Ai como eu tô bandida! (dita por Valéria Vásquez) (28)

O enunciador citante também traz vozes que retomam os bordões das referidas personagens e os modificam. Esse procedimento de citação é entendido como uma particitação de aforização alterada. Vejamos:

Ai como eu tô bandida! (enunciado "original" – Valéria Vásquez) (28)

Ai como eu tô bandido! (particitação de aforização alterada – enunciadador-jornalista) (17)

Ai como elas são bandidas! (particitação de aforização alterada – enunciadador-jornalista) (45)

Ai como eu to maléfica! (enunciado "original" – Valéria Vásquez)

Também são maléficas! (particitação de aforização alterada – enunciadador-jornalista) (45)

O enunciado 17 apresenta uma imagem do traficante Nem da Rocinha caracterizado como Valéria Vásquez, numa montagem realizada pelo jornal. Tal imagem dialoga com o fato da voz citada aparecer no título da manchete: não basta somente a materialidade linguística para que o deboche ocorra, mas também é necessário um apoio imagético para se construir o deboche e validar a citação por meio da aforização alterada. O traficante Nem assume a voz do enunciador citado fundido na caracterização de Valéria Vásquez, sendo atravessado por outras enunciações da personagem (a imagem, portanto, atualizaria o conceito de polifonia de Bakhtin, ao fundir dois enunciadores por meio de um mesmo enunciado). O enunciador-jornalista para debochar, coloca o próprio objeto da chacota (Nem) para que enuncie e ao fazê-lo, deboche de si mesmo.

Os enunciados 28 e 45 atualizam o sentido da palavra “bandida” usada por Valéria Vásquez em seu bordão, pois no uso da personagem do quadro humorístico, tal palavra não está relacionada ao mundo do crime, à bandidagem. Nos referidos enunciados, no entanto, está se falando de mulheres que cometeram crimes e que, de fato, são bandidas. O enunciador estabelece uma relação intertextual com Valéria Vásquez ao usar as aforizações que remetem a essa voz outra, corroborando com a sua galhofa.

Enunciado 168

[ESTE CELULAR ESTÁ FORA DA ÁREA DE COBERTURA!]

Preso escondeu o telefone no traseiro pra não ser pego pelo carcereiro. A galera só descobriu porque o cara tava andando torto!

(Expresso - 10/12/2011)

O enunciado 168 traz a imagem de um preso que teria escondido um celular no ânus e que foi descoberto devido ao seu modo de andar. Traz-se uma aforização destacada de um texto retirada do atendimento eletrônico das operadoras de telefonia móvel. Essa voz aparece sempre quando não há sinal da operadora em questão.

Esse enunciado, ao trazer a voz da “moça” da operadora de telefonia móvel, ressignifica esse enunciado, pois na manchete, estar

fora da área de cobertura seria uma forma eufêmica de dizer que o telefone celular havia sido introduzido no ânus de um homem.

O subtítulo, por sua vez, ao ressignificar o título aforizante dizendo que o “preso escondeu o telefone no traseiro”, faz o papel da palavra “literalmente”, quando se usa uma expressão fixa que geralmente é conotativa num sentido literal. É como se a manchete fosse enunciada da seguinte maneira:

ESSE CELULAR ESTÁ FORA DA ÁREA DE COBERTURA.
LITERALMENTE.

Enunciado 1

<p>[Foi bom pra alguém?] [PODA MAL DADA] DEIXA O RIO NO ESCURO Furnas diz que corte de árvore provocou apagão que atingiu a Zona Norte e a Baixada. Falta de luz causou novo caos no metrô. (Meia Hora - 25/01/2012)</p>
--

O enunciado 1 nos apresenta no título um trocadilho, que será entendido como uma aforização alterada. O duplo sentido instaurado, no entanto, abre margem a uma interpretação dúbia pelo uso da palavra “poda”, que lembra na forma e no som a palavra “foda”. Observemos:

Foda mal dada (enunciado “original”)

Poda mal dada (participação de aforização alterada)

Tal trocadilho se evidencia devido à existência da expressão “foda mal dada”, que seria em linguagem coloquial uma relação sexual desagradável para um dos parceiros. Ao se fazer uma alusão a essa expressão, trocando-se somente uma letra (ou ainda, um fonema, transformando-os em pares mínimos: foda / poda), deixa-se em evidência que o enunciador almeja um efeito cômico com a sua enunciação.

Observe-se que o antetítulo complementa o duplo sentido sugerido pela expressão “poda mal dada”, pois tal construção é

típica (é um lugar-comum) do que se diz (ou se pergunta) após uma relação sexual:

Foi bom pra você? (enunciado “original”)

Foi bom pra alguém? (participação de aforização alterada)

Trata-se da verificação com o parceiro ou parceira se a “poda” foi satisfatória para ambos. E ao lançar mão dessa pergunta, observa-se que se constrói uma circulação temática específica: a queixa sobre um problema causado por um órgão público, que causou danos a tantas pessoas, se dá por um viés cômico atrelado à questão da sexualidade.

O “Foi bom pra alguém?” é uma interpelação direta ao coenunciador, que é convocado a responder se foi bom ter passado horas no escuro, se foi bom ter tido transtornos no trem, no metrô, nos semáforos da cidade, se foi bom ter perdido mercadorias etc.

4.4 Enunciador Homem com H maiúsculo

Na presente seção, apresentamos enunciados com os quais se constroem sentidos diversos sobre o que é ser um heterossexual do sexo masculino, vulgarmente conhecido como “homem de verdade” ou “macho”.

Vislumbramos de que maneira o enunciador ao noticiar, pelo próprio recorte que faz e pelo modo como enuncia, instaura posturas que um Homem³² deve(ria) ter e/ou como deveria ser e,

³² Usaremos a palavra Homem (com maiúscula inicial) para denominar essa imagem do heterossexual do sexo masculino que surge nas enunciações dos jornais. Cabe ressaltar que, obviamente, existem outros sentidos para a palavra homem, mas no presente trabalho, por uma questão teórico metodológica, servirá para designar a imagem de uma masculinidade heterossexual. Obviamente, um homem que é homossexual não deixa de ser “homem” (algo biológico) por causa de sua orientação sexual, mas aqui estamos tratando da construção de um estereótipo de Macho, e por isso, usaremos o Homem (com maiúsculas) para a construção dessa imagem, de acordo com os enunciados.

consequentemente, constroi para si uma imagem de “Homem com H maiúsculo”.

Enunciado 152

Animal abre o jogo

‘NINGUÉM QUER TER UM FILHO HOMOSSEXUAL’

Edmundo fala sobre a relação com o filho que tem com Cristina Mortágua e garante que, apesar de não gostar da ideia, aceita tudo na boa: ‘Ele pode ser gay, mas que tenha postura. Respeito e admiro igualmente’

(Meia Hora - 17/05/2011)

O enunciado 152 traz a voz de Edmundo, ex-jogador de futebol, ao falar sobre seu filho gay. Ao afirmar que “ninguém quer ter um filho homossexual”, dissimula o eu de sua enunciação ao usar um pronome indefinido, de modo que esse enunciado poderia ser lido da seguinte maneira:

“NINGUÉM QUER TER UM FILHO HOMOSSEXUAL”.

“EU NÃO QUERIA / QUERO TER UM FILHO HOMOSSEXUAL”.

Esse enunciado, ao apresentar-nos um rechaço a um filho homossexual por parte de um pai heterossexual (cujo apelido é “Animal”), evoca um discurso circulante em nossa sociedade: “Que pai quer ter um filho gay?”.

O enunciado é trazido em forma de discurso direto e traz um enunciador que fala de um lugar sociohistoricamente marcado pelo heterossexualismo: o universo do futebol, no qual circulam enunciados do tipo:

“Futebol é coisa de Homem!”

“Homem que é Homem joga futebol”.

A homossexualidade masculina apresenta-se no enunciado 152 como um “desconstrutor” de uma imagem de heterossexualidade masculina, como se se localizassem em lados antagônicos de um *continuum* de construção da sexualidade. Porém, o mesmo enunciador que rechaça a homossexualidade do

filho, num processo de desconstrução de uma masculinidade heterossexual, instaura outra imagem de masculinidade: a homossexual.

Segundo a voz do ex-jogador (novamente faz-se o uso do discurso direto), seriam as atitudes que construiriam essa imagem, ou seja, uma “postura”. Vejamos o que ele diz:

“Ele pode ser gay, mas que tenha postura. Respeito e admiro igualmente” (152)

“Ter postura” pode ser compreendido como ser gay, mas não apresentar características nem atitudes que remetam a uma feminilidade, de modo que o homossexual do sexo masculino que se apresente de maneira efeminada é vislumbrado nesse enunciado como alguém “sem postura”.

Desse modo, o enunciador por meio de sua fala desconstrói, conforme já vimos, uma imagem de heterossexualidade masculina por meio da homossexualidade, mas também instaura uma imagem de uma masculinidade homossexual:

“O cara pode até ser gay, mas que tenha jeito ‘de Homem’, que fale como um ‘Homem’, que se porte como um ‘Homem’”.

Observa-se nesse enunciado que a questão de lidar com as diferenças sequer é abordada. Também podemos perceber que o gay efeminado é veladamente execrado, diminuído, colocado como um sujeito inferior. E o enunciador, ao não polemizar tal tema, vai corroborando com esses sentidos e imagens que vão sendo tecidos.

Enunciado 62

Guerra do pó

[EM VEZ DE PEGAR MULHER], MANÉS DO TCP E DO CV PREFEREM DAR TIROS NA MARÉ

Traficantes da Vila dos Pinheiros tentam tomar as bocas de fumo da Nova Holanda e a bala voa. Dois moradores ficaram feridos
(Meia Hora - 15/04/2011)

Observa-se no enunciado 62 que, ao noticiar um confronto entre duas facções criminosas da cidade do Rio de Janeiro, o enunciador o faz pelo viés da sexualidade. O enunciador insulta os tais criminosos chamando-os de “manés” pelo fato de que, por serem homens, perderem tempo trocando tiros e, conseqüentemente, colocando a população local (no caso, a da Favela da Maré) em risco.

Faz-se uso de uma expressão recorrente em enunciações masculinas heterossexuais: “Pegar mulher”. Diz-se essa expressão a um homem quando esse está preocupado em fazer qualquer outra coisa que não diga respeito à sua sexualidade. É, geralmente, enunciado por homens para homens e pode ter um caráter jocoso se for usado entre amigos, mas também pode ganhar um matiz de ofensa, dependendo do contexto em que for enunciada.

A mulher é vislumbrada nessa expressão como um objeto o qual o homem pega, usa e larga. É socialmente aceito que o homem “pegue” várias mulheres e quanto mais mulheres ele “pegar”, mais Homem ele será. E se é “socialmente aceito”, o enunciador reforça esse pensamento machista ao evocar essa expressão no seu enunciado.

Observe-se que o enunciador traz essa voz que supostamente circula no mundo do coenunciador para ridicularizar os bandidos e, conseqüentemente, para construir sentidos sobre o que é ser Homem. Podemos depreender do enunciado 62 os seguintes sentidos sobre Homem:

“Homem que é Homem’ pega mulher. Não fica perdendo tempo dando tiro!”

Enunciado 122

Maridão deu mole...

[BORRACHA FRACA] É CONDENADO POR DEIXAR E ESPOSA NA SECA
Terá que pagar R\$ 23 mil de indenização depois de ficar anos sem fazer vuco-
vuco

(Meia Hora - 04/09/2011)

Enunciado 3

Quadrilha de farda vai mofar na cadeia
PMS [BORRACHA FRACA] ROUBARAM PERNETA NA VILA MIMOSA E
VÃO PRO PAU
Tenente, cabo e dois soldados são condenados pela Auditoria Militar
(Meia Hora - 09/06/2011)

Nos enunciados 122 e 3, é evocada a expressão fixa “borracha fraca”, que é usada para designar o homem que apresenta problemas de ereção, como um insulto. No primeiro enunciado, o enunciador comenta que “o maridão deu mole”, num jogo de palavras entre o sentido de “mole” com a falta de ereção do homem que foi condenado a indenizar a esposa por não manter relação com a mesma. O marido se deu mal por não ter cumprido com a sua “responsabilidade” de macho de proporcionar prazer para a esposa. Pode-se inferir uma imagem de masculinidade fálica, isto é, atrelada ao pênis, à ereção.

Observa-se que os sentidos de ser “borracha fraca” se estendem a outros contextos, como podemos observar no enunciado 3, no qual poderia equivaler a um adjetivo como, por exemplo, “vacilões” ou “otários”, haja vista que não se fala de um problema de ordem sexual, e sim de um crime cometido por PMs, num desvio de conduta. Ao serem insultados de “borracha fraca”, esses policiais têm a imagem de virilidade abalada.

“Macho que é Macho’ deve ‘dar conta’ da esposa em casa!”

Cabe o registro de que essa expressão está presente numa letra de funk intitulado “Borracha fraca”, do grupo carioca Jaula das Gostosudas e diz assim:

Borracha Fraca³³

Jaula das Gostozudas

Tá tirando onda

Explanando pra todo mundo

³³ Fonte: <http://letras.mus.br/jaula-das-gostozudas/1885767/> Acessado em: 25/03/2023.

Que eu sou tua e comigo você faz o que quiser
Fala que me dá porrada
 Inventa pra geral da rua
E que eu ainda aceito você com outra mulher
 Se tu quer ser famoso
Então vou te botar na mídia
É... Já to cansada de toda essa palhaçada
Vou botar no youtube o vídeo das nossas carícias
E mostrar pra todo mundo que tu é borracha fraca
 Então, sai, sai, sai
Sai borracha fraca
Não aguenta nem dar uma
E fica inventando graça

Se na letra da música, a mulher ameaça o homem de colocar na internet o vídeo que revelaria a todos que o parceiro é um “borracha fraca”, se pensamos nos enunciados, podemos observar que o enunciador faz o papel de “explicar” quem é e quem não é “borracha fraca”.

Tanto os homens que padecem de problemas de ereção quanto os policiais corruptos são assim intitulados e rotulados nos referidos enunciados. Os policiais em questão são assim ofendidos, não somente pela questão do crime que cometem, mas também pelo fato de, ao estarem em uma zona de meretrício da cidade do Rio de Janeiro (a Vila Mimosa), cuja atração são as mulheres que aí trabalham vendendo o seu corpo, praticaram um crime de roubo contra um deficiente. É como se o (co)enunciador dissesse:

“Tinha de ser ‘borracha fraca’ mesmo! Em vez de ‘pegar uma mulher’, vai à Vila Mimosa pra roubar!”

Enunciado 180

[Cutuque o motorista apenas o indispensável]
EMPRESA OBRIGOU MOTORISTA DE BUSÃO A FAZER EXAME NO
FIOFÓ

Era pra descobrir se o coitado tinha hemorroidas
(Meia Hora - 14/03/2012)

O enunciado 180 faz uma denúncia trabalhista: uma empresa teria obrigado um funcionário a fazer um exame no ânus para saber se ele tinha hemorroidas. A denúncia trabalhista funcionaria no sentido de mostrar que uma empresa não pode obrigar um funcionário a fazer um exame. No entanto, a ótica desse enunciado é diferente: não se está denunciando o caráter arbitrário da empresa, nem se fala dos direitos do trabalhador etc. Fala-se de um homem que foi obrigado a fazer o exame do “fiofó”, isto é, um homem que teve que passar pelo “constrangimento” de ter o seu ânus examinado por um profissional da saúde.

O denunciamento que o enunciado em questão faz é algo relacionado a um exame que supostamente ridiculariza um Homem e que o põe numa posição de enfraquecimento ou desconstrução de sua masculinidade. Podemos observar que o enunciador se coloca contra a empresa e solidário ao homem que teve tamanho “constrangimento”, chamando-o de “coitado”:

Era pra descobrir se o coitado tinha hemorroidas (180)

O senso comum aponta que, geralmente, entre os heterossexuais do sexo masculino, a região do ânus é um tabu, pois essa parte do corpo estaria atrelada à imagem do homossexual do sexo masculino, que sentiria prazer ao ter essa parte do corpo estimulada sexualmente. Logo, ao evocar que o motorista “coitado” fora obrigado a fazer o exame “do fiofó”, enunciando por meio da comicidade, do deboche, da galhofa típica de conversa de bar, demonstra um machismo e reafirma a crença de que:

“Homem que é Homem não permite que lhe toquem o ânus”.

Além de usar essa suposta denúncia para ridicularizar esse motorista, é um enunciado que reafirma valores machistas e que faz “gracinha” com um assunto sério, que é a questão da saúde do trabalhador. Traz-se uma aforização alterada, modificada de um letreiro que geralmente encontra-se em ônibus, no qual se diz: “Fale com o motorista somente o indispensável”.

No antetítulo, no entanto, é evocada a aforização: “Cutuque o motorista somente o indispensável”, numa alteração de troca de verbos (falar por cutucar), esse último fazendo referência ao tal exame que o motorista fora obrigado a fazer. Devemos observar que a identidade do motorista é preservada no enunciado, de modo que isso corrobora a questão do “constrangimento” que há na relação do Homem com essa parte específica do seu corpo: o ânus.

Enunciado 77

OBRA EM MADUREIRA ACABA COM A [CASA DAS 'PRIMAS']
A prefeitura botou muita coisa abaixo pra construir BRT. E num dos terrenos funcionava uma casa de vuco-vuco... Conheça essa incrível história, que deixou os clientes na mão!
(Expresso - 20/12/2011)

O enunciado 77 evoca uma aforização por destacamento retirada do funk “Casa das Primas”, do MC Luan, para noticiar a destruição de uma casa de prostituição devido às obras da Prefeitura do Rio, que desapropriou casas na região de Madureira (bairro da zona norte do Rio de Janeiro) para abrir caminho para a passagem do BRT (*Bus Rapid Transport*)³⁴. Nesse enunciado, essa desapropriação é reprovada devido ao fato de que teria “deixado vários clientes na mão”. A expressão “deixar alguém na mão” pode ser entendida como “prejudicar alguém”.

Essa expressão é marca de uma heterogeneidade enunciativa que é convidada pelo enunciador a fazer parte do seu enunciado, isto é, é mais uma voz que é trazida: não se fala aqui de uma voz

³⁴ Ônibus articulados que circulam por vias próprias e que foram construídas para os Jogos Olímpicos de 2016.

localizável, tal qual uma aforização destacada de uma letra de música, como podemos verificar no enunciado analisado; ao se trazer essa expressão, trazem-se todas as vozes que já enunciaram por meio dessa materialidade linguística destacável, uma voz de um enunciador pluralizado e coletivo (a voz “do povo”).

Tal expressão, no entanto, dentro do enunciado em questão evoca outros sentidos. Diríamos que se podem ler outros sentidos no uso da expressão “deixar na mão”. Efetivamente, o prostíbulo prestava um serviço a um público-alvo: mulheres vendiam seus corpos em troca de dinheiro. Homens, por sua vez, estavam dispostos a pagar e mantinham a casa funcionando. Logo, se há uma obra e a consequente destruição de tal estabelecimento e, se há uma clientela para aquele recinto, pode-se dizer que os clientes foram lesados e podem, então, se sentir prejudicados, pois o serviço que lhes era prestado teria sido extinto. Sem falar nas mulheres que ali trabalhavam, que tiveram seu local de trabalho destruído pelas obras. Observa-se então que o sentido de “os clientes foram prejudicados” pode ser lido no enunciado. Também podemos atribuir sentido à expressão “deixar na mão” numa alusão à questão da masturbação masculina. Ao não poderem ter mais o serviço prestado, por meio do qual mantinham uma relação de prazer, os clientes terão então que se masturbar para que consigam sozinhos o prazer obtido antes com uma mulher. Isso pode demonstrar uma imagem de Homem autossuficiente: ele dá prazer à mulher e dá prazer a si mesmo, de forma que, se não houver uma mulher, ele mesmo pode sentir prazer consigo, manipulando seu órgão genital.

Podemos observar nesse enunciado que ao trazer outras vozes, seja uma aforização destacada de uma letra de funk para eufemizar o local de trabalho das prostitutas, ou seja por trazer expressões fixas de um enunciador coletivizado, vão sendo tecidos sentidos sobre a configuração de um heterossexual do sexo masculino (vulgo “Homem”), os quais elencamos:

“Homem que é Homem frequenta casas onde há prostitutas. Ainda que seja casado. Ir a um prostíbulo não é socialmente mal visto”.

Salientamos que ao apresentar essa visão de Homem, o enunciador acaba por construir uma imagem para si de masculinidade e, conseqüentemente, para o seu par interlocutivo.

4.5 Conclusões parciais sobre o *corpus* analisado

No presente capítulo, apresentamos enunciados nos quais se constroem imagens de enunciador a partir da entrada de outras vozes que são convocadas a falar no “espaço” discursivo da manchete dos jornais Meia Hora e Expresso. Observamos que foram depreendidas quatro imagens de enunciador. Tais imagens podem, por vezes, se sobrepor:

- a) Enunciador religioso;
- b) Enunciador justiceiro;
- c) Enunciador debochado;
- d) Enunciador Homem com H maiúsculo.

Retomando em linhas gerais o que vimos ao longo deste capítulo, devemos destacar que pudemos perceber que a imagem de enunciador religioso é instaurada pela convocação para o fio de seu discurso de um enunciado generalizante, que instaura “autoridade” e que expressa uma “ideia de verdade”. Esse enunciador, portanto, faz uso de aforizações de destacamento constitutivo para validar a sua fé e, conseqüentemente, cria para si e para o seu par da interlocução uma imagem específica: de crentes de determinada vertente religiosa (no caso, cristianismo católico, protestante, espiritismo, umbanda e candomblé). É recorrente também a citação por meio do discurso direto por parte do enunciador religioso, dando a palavra a outro enunciador, que se apresenta como um “fiel”, para que a partir de seu testemunho, se possa crer no que é enunciado e, em conseqüente, na fé que esse professa.

O enunciador justiceiro constroi a sua imagem de “justiça a qualquer preço”, e se coloca de maneira veemente contra os

bandidos e impiedoso com eles. Paralelamente, apresenta-se como um fã, um admirador da “Super Polícia” por meio de aforizações de diversos tipos: em determinado momento, ao querer instaurar uma ideia moralizante, faz uso da aforização de destacamento constitutivo. Em outros momentos, constrói seus enunciados citando vozes retiradas de outros contextos, fazendo uso de aforizações destacadas de um texto. A destacabilidade se baseia em estabelecer uma relação de intertextualidade e interdiscursividade e, de certo modo, a ressignificar os enunciados destacados, que têm os seus sentidos modificados (reconstruídos) no novo contexto enunciativo. Evoca enunciadores diversos para o seu enunciado: cantores de funk, de pagode e de samba, para instaurar essa imagem de “cidadão do bem na luta contra o mal”. Deve-se destacar que o funk, ritmo carioca que possui versões de músicas que fazem apologia ao crime e ao narcotráfico de maneira geral (são os funks denominados “proibições”), é citado por esse enunciativo justiceiro para se mostrar contra o crime e os bandidos. É a letra de funk evocada aqui para diminuir e minimizar o poder dos bandidos, para enfraquecê-los, contrariamente do que fazem os funks “proibições”, que apresentam a Polícia como uma instituição frágil e opressora e enaltece os bandidos e o seu poderio bélico.

O enunciativo debochado se apresenta como um grande galhofeiro, que ri, que ridiculariza situações e pessoas mencionadas em seus enunciados. De maneira geral, pôde-se perceber que esse enunciativo debochado em alguns momentos se sobrepõe ao enunciativo justiceiro, de maneira que retrata os bandidos de forma ridicularizante, os diminui, mas não por meio de um tom moralizante ou de revolta, mas por um viés cômico, de risibilidade. Tal chacota se dá pelas vozes que o enunciativo citante evoca: faz uso de aforizações destacadas de um texto e de um grande número de aforizações alteradas. Não consta o uso de discurso direto. Podemos afirmar, portanto, a partir da observação da distribuição nos enunciados analisados dos diferentes processos de citação, que a comicidade se dá, em grande parte, pela aforização alterada, que parte de uma subversão de um enunciado anterior. Zombar,

galhofar, debochar é justamente subverter, é inverter a ordem das coisas, é alterá-las, é mudá-las de lugar, de perspectiva, de modo a que novos sentidos sejam construídos por meio da subversão de tais enunciados.

O enunciador Homem com H maiúsculo é construído discursivamente por meio de seus enunciados, os quais apontam para imagens de um enunciador heterossexual do sexo masculino. Destacamos a seguir algumas imagens que pudemos depreender a partir dos enunciados analisados sobre o que é / o que não é ser “Homem”: a. A masculinidade heterossexual é construída por meio da desvalorização da homossexualidade masculina, que é apontada como uma prática que “afeta” a masculinidade, de maneira geral, desconstruindo assim um ideal de “Macho”; b. Paradoxalmente, a homossexualidade masculina é aceita por esse mesmo enunciador a partir do momento em que as “atitudes” e a “postura” desse homossexual contemplem atitudes e posturas masculinizantes, viris, não efeminadas. A masculinidade, portanto, é construída por esse enunciador como uma “postura”, como uma prática e desse modo, a partir dessa perspectiva, pode-se observar traços de masculinidade em heterossexuais do sexo masculino, em heterossexuais do sexo feminino, em homossexuais de ambos os sexos etc. Ser “masculino” não estaria, de acordo com essa leitura, atrelado necessariamente ao ser biológico homem; c. A masculinidade heterossexual também é construída de modo a reforçar estereótipos e a reforçar o senso comum, no que tange ao comportamento do “Homem”, de modo a “legislar” ao apontar para ações que um “Homem” faria ou que um “Homem de verdade” não faria nunca; d. Homem deve “pegar mulher”. A mulher é vista como um objeto que serve ao Homem. Homem deve dar prazer à mulher. Deve satisfazê-la sexualmente. Homem é o provedor do prazer que a mulher sente, de modo que o prazer dessa está subjogado ao Homem. Homem não permite que lhe toquem o ânus. Homem se masturba, sendo capaz de proporcionar prazer a si mesmo, sem a presença de uma mulher. É uma sexualidade autossuficiente. Homem frequenta prostíbulos e,

consequentemente, mantém relações sexuais com prostitutas. Homem com problemas de ereção e que não dá prazer à mulher não é “Homem”.

As imagens observadas dos diferentes enunciadores ao longo deste capítulo nos apontam para a próxima etapa: as considerações finais. Nelas, discorremos sobre de que maneira os apontamentos e comentários realizados até aqui sobre o modo de constituição dos enunciadores por meio de sua enunciação na manchete dos jornais Meia Hora e Expresso nos ajudam a responder à pergunta que norteia a presente investigação.

5. “FOI BOM PRA ALGUÉM?”: TECENDO CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1 Dos primeiros jornais ditos sensacionalistas ao Meia Hora e Expresso: uma história que se repete

Conforme apresentamos no capítulo introdutório, o objetivo desta pesquisa era verificar que imagens o enunciador constroi de si e, conseqüentemente, de seu par interlocutivo nas manchetes dos jornais Meia Hora e Expresso. Para que pudéssemos alcançar tal objetivo, fizemos um longo percurso.

Começamos nossa jornada no capítulo um tratando do histórico do surgimento dos jornais intitulados como “sensacionalistas”, no qual contamos a história do jornalismo amarelo (marrom, no Brasil) e o surgimento dos jornais Meia Hora e Expresso.

No capítulo dois, explicitamos o aporte teórico que norteou nossa investigação: a Análise do Discurso de base enunciativa. Mostramos os conceitos teóricos que nos auxiliaram a apreender nas manchetes dos jornais as diferentes imagens de enunciador que pudemos observar: discurso direto, aspeamento e aforizações como formas de entrada da voz de outro enunciador no fio de um discurso por um enunciador citante, que permite, por meio desses mecanismos linguístico-discursivos, que vozes ecoem no seu enunciado pelas citações que traz. Explicitamos que a manchete na presente pesquisa seria vislumbrada como um gênero de discurso, o que aponta para o fato de que sua existência subjaz condições históricas, sociais e culturais, além de atentar para características que lhe são específicas: possui um estilo, uma circulação temática e uma estrutura composicional que lhe garantem o estatuto de gênero de discurso e que possui, por causa desse mesmo estatuto, coerções próprias.

No capítulo três, relatamos os caminhos da pesquisa e as escolhas que os pesquisadores tivemos que empreender para que pudéssemos buscar responder à nossa pergunta de pesquisa. Definimos também nesse mesmo capítulo os critérios de análise de nosso *corpus*.

No capítulo quatro, finalmente, apresentamos uma análise de manchetes que foram selecionadas de nosso *corpus* final de acordo com as imagens de enunciador que se construía em tais enunciados.

Após havermos percorrido todos os capítulos do presente trabalho, faz-se necessário tecer alguns comentários sobre a presente pesquisa e os resultados encontrados. Primeiramente, remetemos ao histórico da imprensa dita “sensacionalista”. Conforme salientado no início deste trabalho, esse tipo de jornalismo que o Meia Hora e o Expresso fazem e no qual estão inseridos, usa fórmulas que não são suas, isto é, não foram inventadas por esses jornais. Datam dos anos 1560 e 1631, conforme vimos anteriormente, com o surgimento dos jornais franceses *Nouvelles Ordinaires* e *Gazette de France*, respectivamente, e dos *canards* (século XIX).

Havíamos citado inicialmente algumas manchetes que circulavam em tais jornais, segundo Angrimani (1995, p. 20), as quais retomamos:

“Um crime abominável!!! Um homem de 60 anos cortado em pedaços”

“Enfiado em uma lata e jogado como ração aos porcos”

“Um crime pavoroso: seis crianças assassinadas por sua mãe”

“Um crime sem precedentes!!! Uma mulher queimada viva por seus filhos”

Para efeito de reflexão, evocamos algumas manchetes dos jornais Meia Hora e Expresso, que conforme vimos, datam de 2005 e 2006, respectivamente, ou seja, tais jornais surgiram mais de 400 anos após o surgimento dos primeiros jornais ditos “sensacionalistas”:

Quadro 12 – Meia Hora - 16/05/2011

Vai uma pinga aí?

DESALMADO SERVE CACHAÇA COM CHUMBINHO A MENDIGOS

Homem misterioso dá garrafa de bebida ‘batizada’!

Quadro 13 - Meia Hora - 11/09/2011

Torturada na frente do filho, na zona oeste
EX MARCA MULHER COMO GADO E CAI NA GARGALHADA
Covardão escreveu seu nome nas costas dela, com faca quente. Também
queimou vítima com ferro em brasa. 'Disse que fez isso pra me lembrar dele
quando estiver com outro cara', contou

Quadro 14 - Meia Hora - 29/09/2011

'O seu amor é canibal, comeu meu coração mas agora eu sou feliz'
CORNO ARRANCA O CORAÇÃO DA EX E COME FRITO NA MANTEIGA
Chifronésio fez o órgão de tira-gosto e ainda pediu uma cerveja

Quadro 15 - Meia Hora - 23/07/2011

Na hora de engravidar é bom, né?
MÃES MALTRATAM SEUS FILHOS A TROCO DE NADA
DESGRAÇADAS
Safada vai pra motel com dois homens e deixa duas crianças presas no carro.
Monstra molesta a filha de 3 anos para tentar incriminar o pai da coitadinha

Quadro 16 - Expresso - 13/04/2010

'EU NÃO CONSIGO PARAR DE MATAR'
Monstro que matou 6 jovens a pauladas ainda bota a culpa no coisa ruim:
'Recebo uma voz do além, que manda fazer essas coisas, acho que é o capeta'

Pensemos na seguinte questão: o que mudou no modo de tratar o fato noticioso nas manchetes dos jornais franceses e no Meia Hora e Expresso? Observamos que muito pouco: a configuração da manchete mudou, pois nos exemplos dos jornais franceses constam somente o título, havendo desse modo a supressão do antetítulo e do subtítulo. Além disso, devemos apontar para o uso abundante de exclamações e para o uso de artigo indefinido no início das manchetes. Atualmente, conforme vimos ao longo da pesquisa, a estrutura composicional da manchete prevê a presença de três subitens: antetítulo, título e subtítulo, embora possa haver variações de acordo com cada jornal. A manchete atual tende a não aceitar o uso de artigo em seus enunciados (no título, especificamente).

No que tange à linguagem empregada pelos jornais antigos e atuais, observamos que não houve muitas mudanças. A linguagem continua interpelando o coenunciador por meio das “sensações”, das emoções e do sentimento de empatia. O enunciador não só noticia, mas também opina por meio das adjetivações, isto é, emite juízo de valor sobre o que enuncia, desfazendo-se, ou melhor, desmascarando-se assim a ilusória “objetividade e imparcialidade jornalística”.

Pode haver jornais que dissimulam a presença do eu, do sujeito na linguagem, de modo a tentar apagar as suas marcas nos enunciados que produz, de modo a se criar uma ilusão de que o jornalismo é sempre isento, imparcial e objetivo. Conforme já havíamos salientado anteriormente, esses conceitos de objetividade e imparcialidade na/da/pela linguagem não se aplicam dentro do campo teórico da Análise do Discurso, no qual estamos inseridos e de onde falamos, pois como vislumbramos a linguagem como sendo essencialmente polifônica e heterogênea, e sendo os sentidos construídos nos enunciados, não sendo anteriores a esses, segundo os pressupostos de Bakhtin (2011) e Authier-Revuz (1990), a possibilidade de uma linguagem objetiva e imparcial é nula dentro do presente arcabouço teórico.

Recuperando o que já havíamos apontado no capítulo dois, consideramos a língua construtora de sentidos num ininterrupto fluxo de enunciados que são retomados por aquele que toma a palavra, sendo o enunciado desse enunciador sempre uma retomada, evocando sempre ecos de enunciados de outrem.

O enunciador-jornalista, portanto, ao enunciar, não enuncia sozinho, não instaura, não inaugura o seu dizer, desconsiderando todos os discursos circulantes na conjuntura sociohistórica na qual está inserido para produzir sentidos novos, inéditos etc. O enunciador-jornalista é sujeito de sua enunciação, de modo que uma “objetividade” linguística seria uma utopia. É verdade, no entanto, que em alguns jornais que não são de viés popular, há uma tentativa de apagamento da subjetividade do enunciador-jornalista, mas será sempre e tão somente uma tentativa de dissimulação do “eu”: ele estará sempre lá.

Os jornais de viés popular (sejam os antigos ou os atuais) explicitam a subjetividade do enunciador-jornalista, de modo que se contrapõem a uma visão de “objetividade jornalística”. Todo jornal emite opinião (mesmo fora dos espaços previamente destinados à sua expressão), ainda que seja de maneira velada, mas a opinião sempre vai aparecer, seja modalizada ou não. Mas os jornais Meia Hora e Expresso, dialogando com a historicidade desse tipo de jornalismo, explicitam a opinião daquele que enuncia e faz com que isso se constitua uma característica desse tipo de veículo.

Se tentamos efetuar uma comparação em relação à circulação temática, podemos perceber nesses exemplos que, ainda que mais de 400 anos separem os primeiros jornais ditos “sensacionalistas” dos atuais jornais cariocas, a violência continua presente nas manchetes, circulando nesses contextos discursivos pelo viés da dramatização do fato noticioso, numa tentativa de interpelar o coenunciador a que se indigne, a que se revolte com o que está sendo noticiado ou ainda de modo a banalizá-la por meio da comicidade.

Vejamos: não era nosso objetivo de pesquisa efetuar comparações entre manchetes de jornais antigos e atuais e verificar as mudanças ocorridas ao longo do tempo e as semelhanças que persistiram. No entanto, fizemos esses breves comentários, retomando as manchetes citadas no primeiro capítulo, para que pudéssemos perceber que esses jornais que constituem nosso *corpus* de pesquisa, que são tão criticados pela sua linguagem e pelo seu modo de noticiar, possuem uma historicidade. Os jornais Meia Hora e Expresso não inventaram uma fórmula nova de tratar a manchete e o fato noticioso: apenas “entraram no fluxo da língua”, retomando fórmulas antigas e que sempre foram usadas ao longo desses mais de 400 anos que separam os primeiros jornais franceses dos jornais cariocas analisados nesta pesquisa.

5.2 Contribuições de nossa pesquisa

Ao longo desta investigação, percebemos que há uma ideia de “simplificação”, de “facilitação”, de “redução” em relação aos jornais

Meia Hora e Expresso, de acordo com o senso comum. O que estamos comprovando concretamente com nossa pesquisa é que não há uma “simplificação”, ao contrário, há uma determinada maneira de constituição de um par interlocutivo e essa construção via discurso se dá, conforme vimos no capítulo de análise e ao longo desta investigação, por meio de relações discursivas complexas.

A própria ideia de “simplificação”, de “linguagem mais simples” ou “mais facilitada” se relativiza quando atentamos para o modo como o enunciador se relaciona com o seu leitor presumido, por meio de inúmeras vozes convocadas para o fio de seus enunciados, seja citação por meio de discurso direto, seja um aspeamento específico que marque determinado matiz irônico ou jocoso sobre o que é noticiado ou seja pelo uso de aforizações de diferentes tipos. Conforme vimos, o enunciador das manchetes dos jornais analisados nesta pesquisa é um enunciador citante por excelência. Dessa maneira, não podemos considerar o modo do enunciador se relacionar discursivamente com seu par interlocutivo uma “simplificação”, pois ao mobilizarmos citações estamos necessariamente entrando no âmbito das relações complexas, heterogêneas e polifônicas que regulam as enunciações.

Parece-nos, após realizarmos esta investigação, relativo e simplista aderir ao discurso do senso comum, devido ao fato de ser um discurso que polemiza, (pré)julga, condena os referidos jornais, sem que efetivamente sejam analisados, estudados, dissecados com o objetivo de buscar entender seu funcionamento, sua estruturação, seu modo de conceber o leitor e de conceber a si mesmo (discursivamente), suas relações com as variantes linguísticas, suas relações imagéticas (semântico-discursiva) etc. Percorremos um caminho apenas, dentre muitos outros que poderiam (e ainda podem e devem) ser percorridos para que possamos ter um maior entendimento sobre as produções discursivas dos jornais autointitulados populares. Pode-se perguntar: por que linguistas deveriam se interessar em investigar os jornais Meia Hora e/ ou Expresso (ou qualquer outro jornal classificado como popular), se

os estudos do texto jornalístico estariam, em tese, sob a “responsabilidade” dos Estudos da Comunicação?

Nossa resposta é simples: o jornal é constituído de múltiplas vozes, múltiplos sentidos, múltiplos enunciadores e coenunciadores, múltiplos embates interdiscursivos, múltiplos atravessamentos discursivos, isto é, é uma “arena” que atualiza e concretiza o caráter polifônico e dialógico da linguagem (BAKHTIN, 2011) e, conseqüentemente, como toda produção discursiva, o jornal é, enquanto instância linguístico-discursiva, construtora de subjetividades. É, portanto, interesse do linguista estudar os embates que se dão pelo discurso e perceber de que modo tais estudos nos ajudam a compreender a organização do jornalismo de viés popular.

Nossa pesquisa se abre a discussões e seu maior ganho é a possibilidade de uma reflexão sobre os jornais Meia Hora e Expresso para além do que aponta o senso comum. Nossa contribuição, de maneira geral, é que se tenha um olhar mais atento, mais cuidadoso em relação a tais jornais e a possibilidade de dialogar com diferentes coenunciadores, fomentando a reflexão sobre esses jornais que, por vezes, nos provocam risos com suas manchetes cômicas. Que possamos, ao nos depararmos com as manchetes dos referidos jornais, ir além do riso e perceber as complexas relações interdiscursivas que se dão nesse espaço enunciativo.

Assumimos, por fim, que a presente investigação visa contribuir:

a) com os leitores dos jornais: para que sua leitura não seja “superficial” e que se percebam os sentidos que se constroem nas manchetes e, conseqüentemente, de que maneira se constroem os leitores presumidos via discurso a partir dos posicionamentos assumidos pelo enunciador. Consideramos importante que o leitor perceba de que maneira está sendo desenhado (construído discursivamente pelo enunciador-jornalista), a fim de que se dê efetivamente uma leitura pautada na criticidade;

b) com os estudantes de jornalismo (e com os jornalistas): por uma formação que aborde o texto jornalístico para além das noções

(essas sim simplistas e redutoras) de “objetividade jornalística”, “transparência linguística”, “neutralidade” na linguagem e/ou no texto informativo, “sensacionalismo” vislumbrado como falta de credibilidade, como um estilo linguístico-discursivo menor, inferior, de “má qualidade”, etc.;

c) com os professores de leitura: essa discussão importa também aos colegas professores de língua portuguesa e/ou adicional, devido ao caráter de nosso trabalho no que tange à formação de leitores críticos. É importante que essas noções redutoras em relação à língua e, conseqüentemente, ao texto jornalístico não sejam perpetuadas pelos formadores de leitores (nós, os professores), para que tenhamos verdadeiramente leitores críticos ao invés de leitores passivos, acrílicos e, sobretudo, preconceituosos.

O leitor desenhado discursivamente por meio das manchetes dos jornais em questão é um leitor religioso sincrético e supersticioso, além de se apresentar como um coenunciador que dissocia crime de questões sociais e políticas, que apoia a violência do Estado, que se mostra fã de uma Polícia que despreza o direito garantido na Constituição de que todos são cidadãos e que quem comete um crime, ao ser preso, está sob custódia do Estado, não devendo ser, portanto, alvo de deboches e sim da lei. É um leitor que não é “politicamente correto”, que não dissimula seus preconceitos, mas ao contrário, os tem explicitados pelo enunciador nas manchetes dos referidos jornais.

Charaudeau e Maingueneau (2006) afirmam que comunidades produzem textos e que textos também produzem comunidades de sustentação desses textos, e, por esse viés, ao considerar os jornais construtores de subjetividades, estamos afirmando que os enunciadores das manchetes dos jornais Meia Hora e Expresso, ao instaurarem determinadas imagens de si por meio do discurso, produzem, conseqüentemente, conforme salientado anteriormente, leitores à sua imagem e semelhança: religiosos, debochados, fãs de uma Polícia violenta e, sobretudo, machistas.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Márcia Franz. *Jornalismo Popular*. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. Sensacionalismo, inoperância explicativa. *Revista de Biblioteconomia e Comunicação*, Porto Alegre, v. 9, p. 133-146, 2003.
- ANGRIMANI, Danilo. *Espreme que sai sangue. Um estudo do sensacionalismo na imprensa*. São Paulo: Summus, 1995.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 19, p. 25-42, 1990.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1992.
- BERNARDES, Cristiane Brum. A credibilidade como estratégia de identidade em um jornal massivo. *Em Questão*, Porto Alegre, v.10, n.1, p. 23–39, 2004.
- BRAIT, Beth. *Bakhtin: conceitos-chave*. (Org.). 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010
- BRANDÃO, Helena. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: UNICAMP, 1995
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Trad. Angela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- DIAS, Ana. *O discurso da violência: as marcas da oralidade no jornalismo popular*. São Paulo: EDUC/Cortez, 1996.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à linguística da enunciação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

GÓMEZ MOMPART, Josep Lluís. *Los titulares en prensa*. Barcelona: Mitre, 1982.

LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.

_____. *Estrutura da notícia*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2006.

LÓPEZ HIDALGO, Antonio. *El titular: manual de titulación periodística*. Cidade de México: Alfaomega, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

_____. *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

_____. *Análise de textos de comunicação*. Trad. Cecília P de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. *Gênese dos discursos*. Curitiba, PR: Criar Edições, 2005. 189 p.

_____. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010

MARCONDES FILHO, Ciro. *O capital da notícia*. São Paulo: Ática, 1986.

MEDINA, Cremilda. *Notícia: Um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial*. São Paulo: Summus, 1988.

MOTTA, Ana Raquel. *Heterogeneidade e aforização: uma análise do discurso dos Racionais MCs*. 2009. 326 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2009.

MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Org.). *Fórmulas discursivas*. São Paulo: Contexto, 2011.

OLIVEIRA, Paulo. *O Expresso está nas ruas*. Site Observatório da Imprensa, 28/03/2006. Disponível em: <<http://www.observatorio.daimprensa.com.br/artigos.asp?cod=374SAI002>>. Acesso em: 28 set. 2010.

- OSWALDO, C. *O texto da reportagem impressa*. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- PEDROSO, Rosa N. *A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista*. São Paulo: Annablume, 2001. 140 p.
- POSSENTI, Sírio. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- RANGEL, Michelle. Multimodalidade e construção de identidade social em manchetes jornalísticas. *Cadernos do CNLF*, v. 14, n. 2, t. 2, p. 1168–1174.
- _____. A construção do público leitor em tabloides do Rio de Janeiro. *Cadernos do CNLF*, v. 14, n. 2, t. 1, p. 72–83.
- ROCHA, Décio; DEUSDARA, Bruno. Análise de conteúdo e análise do discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. *Alea*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, Dec. 2005.
- SAN MARTÍN, Raquel. *La idea del lector en los periodistas, ¿ciudadano, consumidor o fuente de demandas?* Buenos Aires: Educa, 2008.
- SODRÉ, Muniz. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- SOUZA, Ângelo de. *Se espremer, sai muito pouco*. Site Observatório da Imprensa, 26/09/2005. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=348IMQ001>>. Acesso em: 01 out. 2010.
- TRAJANO, Raphael de Moraes. *Etos na poesia combatente de menestréis do rap: por uma análise das imagens discursivas no grito marginal do hip hop brasileiro*. 159 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- VIGIL VÁSQUEZ, M. *El periodismo, teoría y práctica: arte de titular y confección*. Barcelona: Noguer, 1965.

SOBRE O AUTOR



Rodrigo Da Silva Campos

Professor Adjunto do Instituto de Letras (Departamento de Letras Neolatinas - Setor de Espanhol) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atualmente, está como coordenador do curso de Espanhol e é coordenador do Projeto de Iniciação à Docência em Ensino de Espanhol para Crianças. Doutor e Mestre em Letras (Linguística) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Possui bacharelado e licenciatura em Letras: Português/Espanhol pela mesma instituição. Pesquisa questões relacionadas à formação de professores de línguas adicionais (LA), livro didático de LA, análise e elaboração de materiais didáticos de LA, ensino de LA para crianças e Análise do Discurso de orientação enunciativa.



Rodrigo Campos

Professor Adjunto do Instituto de Letras (Departamento de Letras Neolatinas - Setor de Espanhol) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atualmente, está como coordenador do curso de Espanhol e é coordenador do Projeto de Iniciação à Docência em Ensino de Espanhol para Crianças. Doutor e Mestre em Letras (Linguística) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Possui bacharelado e licenciatura em Letras: Português/ Espanhol pela mesma instituição. Pesquisa questões relacionadas à formação de professores de línguas adicionais (LA), livro didático de LA, análise e elaboração de materiais didáticos de LA, ensino de LA para crianças e Análise do Discurso de orientação enunciativa.

